



IPG Politécnico
da Guarda
Escola Superior
de Educação,
Comunicação e Desporto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Curso de Especialização Tecnológica
em Acompanhamento de Crianças e Jovens

Ana Raquel Ramos Caldeira da Silva

setembro | 2014





Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio

Aldeia SOS da Guarda – Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda

**Relatório para a obtenção do diploma de especialização tecnológica em
Acompanhamento de Crianças e Jovens**

Raquel Caldeira

Setembro 2014

Tal como afirma Bob Franklin (1995):

A Infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de género, classe, etnia e História. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da Infância (cit. in Pinto & Sarmiento, 1997, p.17).

Ficha de Identificação

Nome: Ana Raquel Ramos Caldeira da Silva

Nº: 5007982

Morada: Rua do Rato nº36 Vila Chã de Sá

E -mail: a6_13@hotmail.com

Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens

Estabelecimento de ensino: Instituto Politécnico da Guarda

Instituição do Estágio: Aldeia SOS – Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda

Morada: Solar dos Póvoas, Rua General Póvoas nº9

Telefone: 924186915

Local de Estágio: Guarda

Orientador: Professora Filomena Velho

Supervisor: Doutor Daniel Lucas

Data de realização de estágio

Início: 19 de maio de 2014

Fim: 7 de agosto de 2014

Duração: 400 horas

Agradecimentos

A conclusão deste CET de Acompanhamento de Crianças e Jovens é sem dúvida alguma uma realização pessoal que aporta muito mérito próprio, mas também um largo número de contribuições, apoios, críticas de muitas pessoas.

Esta é a parte do relatório que lhes é dedicada, sem todos estes contributos teria sido muito complicado chegar a resultados dignos de tal mérito.

Antes de mais gostaria de agradecer à minha família, pois sem eles não seria quem sou e eles sim contribuíram de uma maneira positiva na construção dos meus valores enquanto ser humano.

Em segundo lugar a todos os amigos e colegas de curso por todas as trocas de conhecimentos, experiências, por nunca terem duvidado de mim e das minhas capacidades e por estarem sempre a meu lado nos bons e maus momentos desta fase da minha vida. Um especial obrigado à Cláudia Marques e ao Diogo Ribeiro.

Em terceiro lugar à minha orientadora Filomena Velho por toda a orientação e paciência, e ao restante corpo docente do CET, por todos os ensinamentos, dedicação e disponibilidade.

Em quarto lugar ao meu supervisor de estágio Daniel Lucas pelo voto de confiança que depositou em mim durante todo o tempo de estágio, pela dedicação e ajuda.

Em quinto lugar às minhas famílias e aos “meus meninos”, pois sem estes jamais teria chegado onde cheguei. Um sincero obrigado por todo o carinho, dedicação e confiança que me ofereceram.

Por último mas não menos importante ao IPG, por ter sido uma casa neste tempo e por “oferecer” este tipo de aprendizagens que nos fazem crescer como homens e mulheres do amanhã.

A todos o meu grande e mais sincero OBRIGADO

Resumo

O CET de Acompanhamento de Crianças e Jovens está inserido numa área social que tem como intuito agir e intervir nas instituições que integram crianças e jovens; estas poderão ser públicas ou privadas, e algumas podem incluir crianças e jovens de risco.

O estágio, enquanto componente de formação em contexto de trabalho, permite durante a sua duração, colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo das cadeiras antes da realização do estágio. O presente documento tem por base o relato das 400 horas de estágio no Programa de Fortalecimento da Guarda, onde trabalhei diretamente com famílias consideradas como famílias de risco. Estas famílias são constituídas por crianças e jovens que merecem a nossa atenção, intervenção e ajuda, pois estas correm o risco de perderem os seus filhos se vacilarem em algum ponto crucial que o Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda considere.

Palavras-chave: Estágio, Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda, Crianças e Jovens em risco

Índice Geral

Ficha de Identificação	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Lista de Siglas	viii
Introdução	1
Capítulo I	2
Breve Enquadramento Teórico e Caracterização da Instituição	2
1. História das Aldeias SOS	3
1.1- Missão e Valores	4
1.1.1- Valores Subjacentes à Aldeia de Crianças SOS da Guarda	4
1.2 - Valores Subjacentes ao Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda ..	5
1.3 - Finalidades/ Objetivos	5
1.3.1 - Finalidade / Objetivos da Aldeia de Crianças SOS da Guarda	5
1.4 - Finalidades/ Objetivos do Programa de Fortalecimento da Guarda	7
2 - Estágio: Programa de Fortalecimento da Guarda	8
2.1 - A Intervenção Ecológica Do Programa	10
2.2 - Áreas de Atuação do Programa	12
2.3 - O papel das Equipas Locais do Programa	13
3 - Estrutura Física	14
3.1 - Estrutura física do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda	14
4 -Estrutura Administrativa	14
4.1 -Estrutura Administrativa do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda	14
5 - Estrutura Social	16
5.1 - A visão da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens	16
5.2 A importância da família	17
Capítulo II	19
Atividades desenvolvidas durante o estágio	19
1. Técnica Especialista de Crianças e Jovens	20
2. Estágio	22
2.1 Atividades	25
Conclusão	53
Bibliografia	55
Webgrafia	56

Índice de Figuras

Figura 1 - Intervenção Ecológica	10
Figura 2 - Funcionamento da Intervenção Ecológica.....	11
Figura 3 - Áreas de Atuação	12
Figura 4 - As meninas na esplanada à espera do gelado	31
Figura 5 - As meninas no carrinho de andar	31
Figura 6 - Ida ao Pólis com a criança Z.....	34
Figura 7 - A criança Z e Y prontas para jantar.....	35
Figura 8 - Criança Z no parque Pólis da Guarda	35
Figura 9 - Criança X no parque Pólis da Guarda.....	36
Figura 10 - Criança X a comer um gelado no parque Pólis da Guarda.....	36
Figura 11 - Criança X na pirâmide do parque Pólis da Guarda	36
Figura 12 - Criança X a correr no parque Pólis na Guarda	36
Figura 13 - Criança Z a andar de baloiço no parque Pólis da Guarda.....	36
Figura 14 - Adolescente W na piscina.....	44
Figura 15 - A criança X na piscina a falar comigo	44
Figura 16 - Criança Y na piscina comigo	45
Figura 17 - A criança Z comigo na piscina	47
Figura 18 - As crianças Q na piscina	48
Figura 19 - V encontro entre Avós e Netos.....	48
Figura 20 - Neta e Bisneta com a Avó, família Q.....	49
Figura 21 - A criança Z a sentir saudades do irmão	49
Figura 22 - Supervisor connosco no encontro Avós e Netos da Guarda	49
Figura 23 - A mãe W com a cunhada na barragem da Bouça da Cova.....	49
Figura 24 - Adolescente W com o tio na barragem da Bouça da Cova	50
Figura 25 - Adolescente W com os seus pais na barragem Bouça da Cova.....	50
Figura 26 - Adolescente W com o seu pai na barragem Bouça da Cova.....	50
Figura 27 - <i>Flyer</i> da comemoração do 50º aniversário das Aldeias SOS.....	51
Figura 28 - <i>Flyer</i> /convite do 50º aniversário das Aldeias SOS parte de trás	51

Índice de Tabelas

Tabela 1- Processos registados em 2012.....	9
Tabela 2 - Organograma	15

Lista de Siglas

CET – Curso de Especialização Tecnológica

IPG – Instituto Politécnico da Guarda

ACJ – Acompanhamento de Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito da unidade curricular de Estágio, do Curso de Especialização Tecnológica em Acompanhamento de Crianças e Jovens (CET-ACJ).

A instituição que procurei e me aceitou foi a Aldeia SOS da Guarda, no âmbito de um programa de Resposta Social intitulado Programa de Fortalecimento da Guarda, entre o dia 19 de maio e 7 de agosto. Este relatório tem como objetivos primordiais uma visão melhorada sobre este tipo de Instituições e este tipo de Respostas Sociais e o seu modo de funcionamento. Com ele pretendo apresentar e dar a conhecer um pouco da história da Instituição, especificamente no que diz respeito à área da Resposta Social onde trabalhei diretamente 400 horas, bem como descrever de forma detalhada todas as ações observadas e realizadas.

Este tipo de Instituições e Respostas sociais tem vindo a adquirir mais utentes ao longo do tempo devido ao contexto/situação social em que a criança se insere.

O estudo científico do desenvolvimento humano, analisa os processos de mudança das pessoas, bem como as suas características que permanecem razoavelmente estáveis durante toda a vida. Especificamente, no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, analisa os processos de mudança das crianças, bem como as características que permanecem nelas, desde a sua conceção à sua adolescência (Papalia, Olds, Feldman, 2001, 2006).

Face à importância de uma infância/adolescência equilibrada, procurei um público-alvo que satisfizesse os meus objetivos académicos e pessoais. Numa etapa inicial, faremos um breve enquadramento relativo à história, missão, valores, finalidades/objetivos e público-alvo da Instituição. Referiremos ainda aspetos relativos à sua estrutura física, administrativa e social, bem como ao horário de funcionamento e à função do Técnico em Acompanhamento de Crianças e Jovens. Em todo o relatório haverá uma pesquisa documental sobre a Instituição e sobre algumas temáticas importantes que surgiram durante o estágio. Haverá técnicas de observação em relação às rotinas e às atividades propostas e para complementar haverá registos diários das sessões com as famílias e fotografias de algumas atividades realizadas.

Capítulo I

Breve Enquadramento Teórico e Caracterização da Instituição

1. História das Aldeias SOS

Hermann Gmeiner, em 1949, médico austríaco, órfão de mãe desde muito pequeno, constatando o elevado número de crianças órfãs, sobretudo vítimas da 2ª Guerra Mundial, criou em Imst (Tirol, Áustria), em 1949, a primeira Aldeia de Crianças SOS. A ideia espalhou-se velozmente por todo o mundo, de tal maneira que as Aldeias de Crianças SOS estão hoje em 133 países, sendo consideradas a forma ideal de solucionar o problema das crianças desprotegidas, pois respeitam os mais elementares e naturais princípios pedagógicos e de convivência familiar e social exigíveis no início da vida e durante o período fundamental da educação humana.

Foi em 1964 que a Dra. Maria do Céu Mendes Correia e a Dra Palmira Cabrita Matias fundaram a Associação das Aldeias de Crianças SOS de Portugal, juntamente com outros amigos e ainda com o Dr. Hermann Gmeiner, fundador das Aldeias de Crianças SOS Internacional. Tudo começou quando elas ainda eram jovens universitárias e se interessaram pelos problemas sociais que afligiam o país, nomeadamente a situação das crianças que viviam em grande miséria física e moral, nas barracas e bairros degradados.

A Aldeia de Crianças SOS da Guarda é a terceira Aldeia De Crianças SOS portuguesa, tendo sido inaugurada a 11 de Outubro de 1986 e localizando-se no Rio Diz, a 10 kms do centro da cidade da Guarda.

O Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda é o 2º programa em Portugal, inaugurado em Maio de 2013. Localiza-se na Rua General Póvoas nº9, 6300-714 Guarda. Até Junho de 2014 trabalhou com cerca de 50 crianças/jovens e 23 famílias no domicílio e formação e cerca de 250 crianças/jovens na Prevenção.¹

A Guarda caracteriza-se por ser um concelho com duplo envelhecimento populacional, com um saldo natural (diferença entre nascimentos e óbitos) negativo e um índice de envelhecimento de 154 pessoas com mais de 65 anos por cada jovem

¹ Fonte: Toda a informação tratada sobre a Instituição foi baseada em : <http://www.aldeias-sos.org>, consultado no dia 19 de Maio de 2014 e fornecida pelo o Supervisor da Instituição.

com menos de 19 anos de idade. A população infantil do concelho representa apenas 18,9% do total, sendo somente 13,7% possui menos de 15 anos. A percentagem de população imigrante é residual (1,6%).

Os indicadores socioeconómicos indicam uma taxa de desemprego de 13,1% em 2011, semelhante à média nacional (13,2%). Em 2011, existiam 2.094 de desempregados a usufruir de subsídio de desemprego. Os beneficiários do RSI representam 3,5 % da população total do concelho. As crianças e jovens representam 49,38% dos beneficiários e 7,8% do total das crianças e jovens do concelho. As taxas de retenção/ desistência no ensino básico está ligeiramente acima da média nacional e a do secundário abaixo. O concelho não integra o Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP).

Em virtude dos indicadores de risco, a Guarda apresenta um risco de exclusão infanto-juvenil considerável recebendo a classificação de médio.

O concelho possui a maioria das respostas sociais básicas e de equipamentos de suporte à infância, incluindo equipamentos de creche, jardim-de-infância, equipa de intervenção precoce, instituição de apoio à deficiência e programa de apoio alimentar.

1.1– Missão e Valores

Estas instituições querem ter um projeto de vida para cada criança, fortalecendo e apoiando a sua família de origem, ou quando tal não é viável é integrada numa família SOS onde se criam relações familiares, de amizade fortes e duradouras, crescendo protegidas, com amor respeito e dignidade.

1.1.1– Valores Subjacentes à Aldeia de Crianças SOS da Guarda

Crescer em Família: “Dentro da família cada criança é protegida e ajudada a fortalecer o sentido de pertença. Aqui, as crianças aprendem valores, compartilham responsabilidades e formam relações para a vida inteira. O ambiente familiar proporciona-lhes uma fundação sólida na qual podem construir a sua vida.” (Aldeia de Crianças SOS da Guarda).

Crescer com amor: atenuando feridas emocionais e construindo a confiança. A criança aprende a confiar nela própria e nos outros. Assim, cada criança pode reconhecer e exercitar o seu potencial.

Crescer com respeito: a voz de cada criança é ouvida e levada a sério. As crianças participam na conquista de decisões que afetam as suas vidas e são guiadas a tomarem a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento. A criança cresce com respeito e dignidade, como verdadeiro membro de uma família e da sociedade.

Crescer com segurança: as crianças são protegidas da negligência e exploração, da miséria, de maus-tratos, de dramas familiares e de abusos sexuais. São mantidas em segurança, têm abrigo, alimentação, cuidados de saúde e ensino.

1.2 - Valores Subjacentes ao Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda

O Programa de Fortalecimento de Famílias da Guarda é um serviço de apoio especializado às famílias com crianças e jovens, vocacionado para a prevenção e reparação de situações de risco psicossocial, mediante o desenvolvimento de competências parentais, pessoais e sociais das famílias.

Tem como valores: o superior interesse da criança; responsabilidade pessoal e social; pró-atividade; *empowerment*; participação cívica; colaboração e fortalecimento comunitário.

1.3 - Finalidades/ Objetivos

1.3.1 - Finalidade / Objetivos da Aldeia de Crianças SOS da Guarda

Na Instituição acompanham as crianças e jovens que se encontram em situação vulnerável, com o objetivo de promover o seu pleno desenvolvimento e autonomia, através do acolhimento, prevenção e do fortalecimento das suas redes familiares e sociais.

Atuam junto de crianças que perderam os cuidados parentais ou em risco de os perder.

Participam na vida da comunidade e respondem às necessidades de desenvolvimento social das crianças e dos jovens mais vulneráveis.

Fortalecem e acompanham as famílias das crianças com maior risco de institucionalização, procurando garantir o seu pleno desenvolvimento em meio natural de vida através da capacitação parental dos prestadores de cuidados das crianças.

Constroem famílias para crianças desprotegidas, órfãs, abandonadas ou cujas famílias não podem cuidar delas. Dão-lhes a oportunidade de estabelecer relações duradouras dentro de uma família.

Ajudam as crianças a construir o seu próprio futuro. Garantem a sua educação, ajudando-as a desenvolver as suas capacidades individuais, interesses e talentos, contribuindo para a sua autonomia e para uma integração positiva na sociedade.

A aldeia SOS é o grupo de famílias SOS que vivem em conjunto, num ambiente de convívio e ajuda mútua, partilhando experiências. Cada família é um membro da comunidade local e cada criança aprende a participar ativamente na sociedade.

As famílias SOS trabalham para crianças órfãs, abandonadas ou cujas famílias não podem cuidar delas. Dão a estas crianças a oportunidade de estabelecer relações duradouras dentro de uma família.

O modelo familiar das Aldeias de Crianças SOS assenta em quatro princípios: cada criança necessita de uma **MÃE**, cresce com os seus **IRMÃOS e IRMÃS**, na sua própria **CASA**, dentro de um ambiente de ajuda mútua dentro da **ALDEIA**.

A **Mãe** SOS preocupa-se com a relação afetiva com as crianças que lhe são confiadas, providenciando-lhes segurança, amor, ternura e estabilidade de que necessitam. Os **Irmãos** SOS são rapazes e raparigas de diferentes idades, que vivem juntos numa família. Os irmãos biológicos são sempre integrados na mesma família SOS. A **Casa** SOS é o lar familiar, com a sua própria rotina e ritmo, onde as crianças estão em segurança e sentem que pertencem a uma verdadeira família, crescendo, aprendendo e partilhando responsabilidades.

As **Aldeias SOS** não se preocupam apenas com o acompanhamento das suas crianças/jovens. Visam também a sua integração. Neste contexto têm um espaço dedicado à integração social e profissional dos jovens, sem descuidar o crescimento pessoal e da família.

Quando as crianças atingem a adolescência tornam-se jovens adultos. E como tal devem deixá-los planejar o seu futuro, respeitar as suas decisões, acompanhando-os nos seus sonhos, ajudando-os a criar o caminho certo para encontrar oportunidades de autonomia e independência económica.

A primeira escolha é continuar a estudar ou aprender uma profissão, sendo um passo para a maturidade que envolve uma mudança, mas não uma mudança no estilo de vida.

Os jovens continuam a contar com o apoio da família para a sua integração social e profissional. De forma a acompanhar e ajudar nesta mudança, existem “apartamentos” que preparam e favorecem a autonomia.

Através de programas de prevenção, tal como o Programa de Fortalecimento Familiar, as Aldeias de Crianças SOS, evitam que milhares de crianças em todo o mundo sejam vítimas de negligência.

1.4 - Finalidades/ Objetivos do Programa de Fortalecimento da Guarda

Este modelo de Programa de Fortalecimento de Famílias, assenta em pressupostos:

- O meio natural de vida é o melhor para o pleno desenvolvimento da criança;
- Os responsáveis pelo pleno desenvolvimento da criança são os cuidadores naturais da criança;
- As comunidades são sempre uma mais-valia para os cuidadores e as crianças em risco/perigo.
- O objetivo de qualquer intervenção na infância é o respeito e a implementação de competências parentais, pessoais e sociais das famílias.

Como todas as Instituições têm objetivos, esta valência não foge à regra, apresentando como objetivos:

- Prevenir situações de risco e de perigo através da promoção do exercício de uma parentalidade positiva;
- Avaliar as dinâmicas de risco e proteção das famílias e as possibilidades de mudança;
- Desenvolver novas competências parentais, pessoais e sociais que permitam a melhoria do desempenho da função parental;

- Atenuar a influencia de fatores de risco nas famílias, prevenindo situações de separação das crianças e jovens do seu meio natural de vida;
- Aumentar a capacidade de resiliência familiar e individual;
- Favorecer a reintegração da criança ou do jovem em meio familiar;
- Reforçar a qualidade das relações da família com a comunidade, bem como identificar recursos e respetivas formas de acesso.

2 - Estágio: Programa de Fortalecimento da Guarda

À família, como ambiente natural para o crescimento e bem-estar das crianças deve oferecer-se a proteção e assistência necessárias para que possa assumir a sua responsabilidade dentro da comunidade (Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, Preâmbulo, 20 de novembro de 1989).

A Instituição que escolhi para a realização do meu estágio como discente do CET em Acompanhamento de Crianças e Jovens foi o Programa de Fortalecimento da Guarda, uma das Respostas Sociais da Aldeia de Crianças SOS de Portugal.

Esta Resposta Social corresponde a um novo formato de intervenção social, constituindo-se como uma estratégia internacional dentro da filosofia da nova política de programas SOS definida internacionalmente no âmbito do processo estratégico para 2009-2020, que vem no sentido de alcançar mais crianças com serviços relevantes e de qualidade.

A SOS Kinderford propõe-se até 2020, atender 1 000 000 crianças em todo o mundo, das quais 100 000 em acolhimento e as restantes 900 000 através do Programa de Fortalecimento Familiar.

O programa de Fortalecimento Familiar destina-se a famílias onde a criança está em risco de perder os cuidados parentais, sendo apoiadas para que pais/outras cuidadores possam construir as necessárias e relevantes competências para cuidar adequadamente das suas crianças. É um programa internacional, de aplicação à escala local e comunitária e integrado na estratégia global das Aldeias de Crianças SOS de Portugal como uma resposta social complementar e de prevenção da institucionalização. Esta intervenção pode incidir em várias áreas, essenciais ao desenvolvimento e bem-estar infantil, e centra-se na intervenção junto da criança em contexto familiar. Este modelo aplica-se na promoção das capacidades parentais dos

pais e dos prestadores de cuidados principais, como a verificação higiénica da criança, o desempenho da criança na escola, entre outras, que diariamente lidam com a criança/jovem.

Na tabela infra apresentamos lista de problemáticas existentes na Guarda pela CPCJ em 2012, num total de 120 casos. Como se observa sobressaem a negligência, a violência doméstica e a falta de Supervisão/Acompanhamento Familiar.

Tabela 1- Processos registados em 2012

Principais Problemáticas	População								TOTAL
	0-5		6-10		11-14		>15		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
Abandono à Nascimento/Primeiros Meses de Vida	1	1							2
Falta de Supervisão/Acompanhamento Familiar	3	3			4			1	11
Negligência	3	5	4	1	6	1	2		22
Abandono ou Entrega a Si Própria					1			1	2
Absentismo Escolar				3		2		2	7
Abandono Escolar				2	1	2	2	1	8
Violência Doméstica	2	3	2	1	2	7			17
Maus Tratos Físicos			1	1		2			4
Maus Tratos Psicológicos ou Indiferença Afetiva				2	1	1		1	5
Exposição a Comportamentos Desviantes				1			1		2
Comportamentos Graves/Antissociais			1		1	1			3
Prática de Facto Qualificado como Crime	1								1
Abuso Sexual	1							2	3
Mensalidade									0
A Criança Assume Comportamentos de Risco					1	1	4	3	9
Consumo de Bebidas Alcoólicas							2	1	3
Consumo de Estupefacientes							2	2	3
Outras Situações de Perigo	4	5		3		2		3	2
TOTAL	15	17	8	14	17	19	11	16	120

2.1 - A Intervenção Ecológica Do Programa

O programa de Fortalecimento Familiar desenvolve a sua intervenção através de um sistema de respostas para apoio das famílias e das respectivas comunidades.



Figura 1- Intervenção Ecológica

Criança → Centro de Intervenção. Capacitada para reclamar os seus direitos

Família → Capacitada para cumprir com as suas responsabilidades de proteção e zelar pelo bem-estar e pleno desenvolvimento das crianças a seu cargo. Conhecimento dos seus direitos e deveres.

Comunidade → Encorajada a assumir um papel consciente e ativo na promoção e defesa dos direitos e deveres da criança e família.

Autoridades e Serviços locais → Envolvidas na aplicação das respostas e nas responsabilidades de correntes com vista a defesa dos direitos da criança e da família alvos da intervenção.

Autoridades e Serviços Nacionais → Envolvidas na aplicação das respostas e nas responsabilidades decorrentes visando a defesa dos direitos da criança e da família alvos de intervenção.

COMO FUNCIONA:

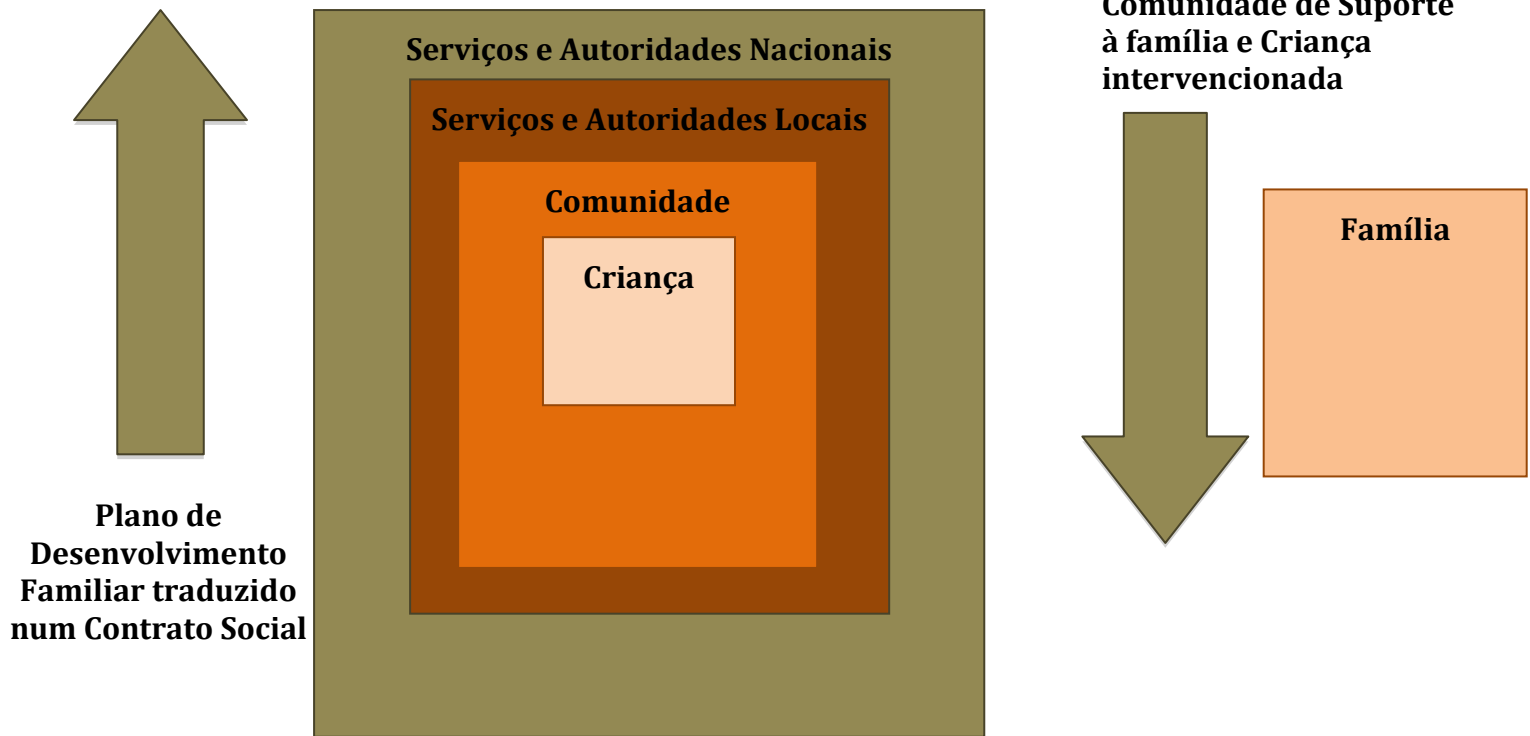


Figura 2 - Funcionamento da Intervenção Ecológica

Criança → Ouvida, tratada e respeitada como um indivíduo com direitos e deveres

Família → Envolvida na concepção do seu plano de desenvolvimento e alvo de *empowerment* via o acesso a serviços da comunidade e à sua implicação na tomada de decisões.

Comunidade → Participantes assertivos e alvo de *empowerment* estabelecem uma resposta de suporte à família como um todo. Identificam necessidades e iniciam uma relação proactiva com as famílias.

Autoridades e Serviços Locais → A partilha de informação entre as várias entidades e serviços locais permite conceber uma imagem da família como um todo e a coordenar a ajuda, aumentando a eficácia da resposta/programa.

Autoridades e Serviços Sociais → Planeamento e divisão de tarefas em conjunto garantem a unidade da resposta, traduzidos em protocolos e acordos de cooperação.

2.2 - Áreas de Atuação do Programa

O programa de Fortalecimento Familiar desenvolve a sua intervenção através de um sistema de respostas para apoio das famílias e das respetivas comunidades.



Figura 3 - Áreas de Atuação

Intervenção Integrada → Destina-se em particular a famílias multidesafiadas com crianças e jovens maltratados ou em situação de risco e traduz-se na implementação de modelos de intervenção sistémicos e de apoio integrado.

Intervenção Focalizada → Famílias em que existem problemas de vulnerabilidade relativamente focalizados em áreas específicas do funcionamento familiar, os quais podem ser atenuados ou ultrapassados através de respostas de educação parental formal e informal.

Intervenção Promotora → Melhoria da capacidade técnica comunitária para promover o bem-estar das crianças e jovens e o fortalecimento das famílias e para a criação e partilha de recursos materiais de apoio às famílias, através de programas de formação para técnicos ou para a comunidade geral.

Serviços à Comunidade → Promoção do desenvolvimento positivo da criança, do jovem e o fortalecimento das famílias e da comunidade através da disponibilização de apoio técnico, ou outro, para a constituição de novos equipamentos e /ou serviços.

2.3 - O papel das Equipas Locais do Programa

A atividade principal das equipas locais do Programa de Fortalecimento Familiar está definida pelo Protocolo de Cooperação assinado com a Comissão Nacional de Proteção da Criança e Jovem em Risco, que atribui à componente técnica do projeto a execução das medidas de promoção e proteção em meio natural de vida definidas em sede de comissão restrita da CPCJ local. Na prática, podemos traduzir esta missão por Promover o fortalecimento das famílias trabalhadas e potenciar o bem-estar físico, psicológico e social dos seus elementos, através da intervenção direta e indireta; e capacitar as famílias, prevenindo a institucionalização das crianças.

Contudo, para cumprir este papel, a atuação das equipas locais tem de ir mais além do que a mera execução administrativa da medida. Ela inclui, entre outros, aspetos, e sempre com a concordância das famílias:

- Incentivar a família na decisão do fazer e do que fazer em prol da criança;
- Incutir na família o sentido de responsabilidade para com a criança;
- Apoiá-la na realização de um plano de desenvolvimento familiar e individual;
- Fomentar o vínculo entre os pais/prestadores de cuidados e as crianças e entre estas e os seus pares e adultos cuidadores;
- Incentivar a inclusão da família e da criança na comunidade local;

Para além disso compete às equipas técnicas promover ações de apoio a pais no âmbito da educação parental, na realização de ações de prevenção do risco na infância na comunidade local, com especial destaque para as crianças e jovens e ainda estimular parcerias locais (Câmara Municipal da Guarda, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Guarda, Segurança Social entre outros) com vista a adoção de procedimentos e práticas comuns de capacitação parental.

3 - Estrutura Física

3.1 - Estrutura física do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda

A Resposta Social do Programa de Fortalecimento da Guarda, das Aldeias SOS de Portugal é caracterizado por Instalações amplas e adaptadas ao serviço adequado e com qualidade a oferecer ao seu público – alvo.

O Programa de Fortalecimento Familiar da guarda é constituído por:

- Um gabinete, com um Wc, 2 secretárias, 1 sala de estar para crianças e formações decorado de forma acolhedora

No que diz respeito à estrutura física do gabinete do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda, este responde às expectativas esperadas, tanto para a equipa técnica trabalhar como para receber os seus utentes.

4 -Estrutura Administrativa

4.1 -Estrutura Administrativa do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda

Na Aldeia de Crianças SOS da Guarda, a execução de uma orientação curricular e a coordenação da atividade educativa, são asseguradas por quem exhibe as habilitações legalmente exigíveis para o efeito. São por isso, todas constituídas por uma direção pedagógica.

Contudo, todos os elementos da direção pedagógica têm como função orientar, supervisionar e coordenar a vida dos seus utentes, fisicamente, psicologicamente e socialmente. Devem também dirigir atividades e garantir o cumprimento dos planos definidos.

Atualmente o programa de Fortalecimento Familiar possui equipas e elementos nos seguintes locais:

1. Coordenação Nacional (Sede em Lisboa);
2. Concelho de Rio Maior;
3. Concelho da Guarda.

Com execução da Coordenação Nacional, as equipas locais do Programa de Fortalecimento Familiar desenvolvem a sua ação numa lógica de âmbito concelhio, em estreita proximidade com as instituições locais e parceiros-chaves, com destaque para a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e a Câmara Municipal respetivas.

ORGANOGRAMA

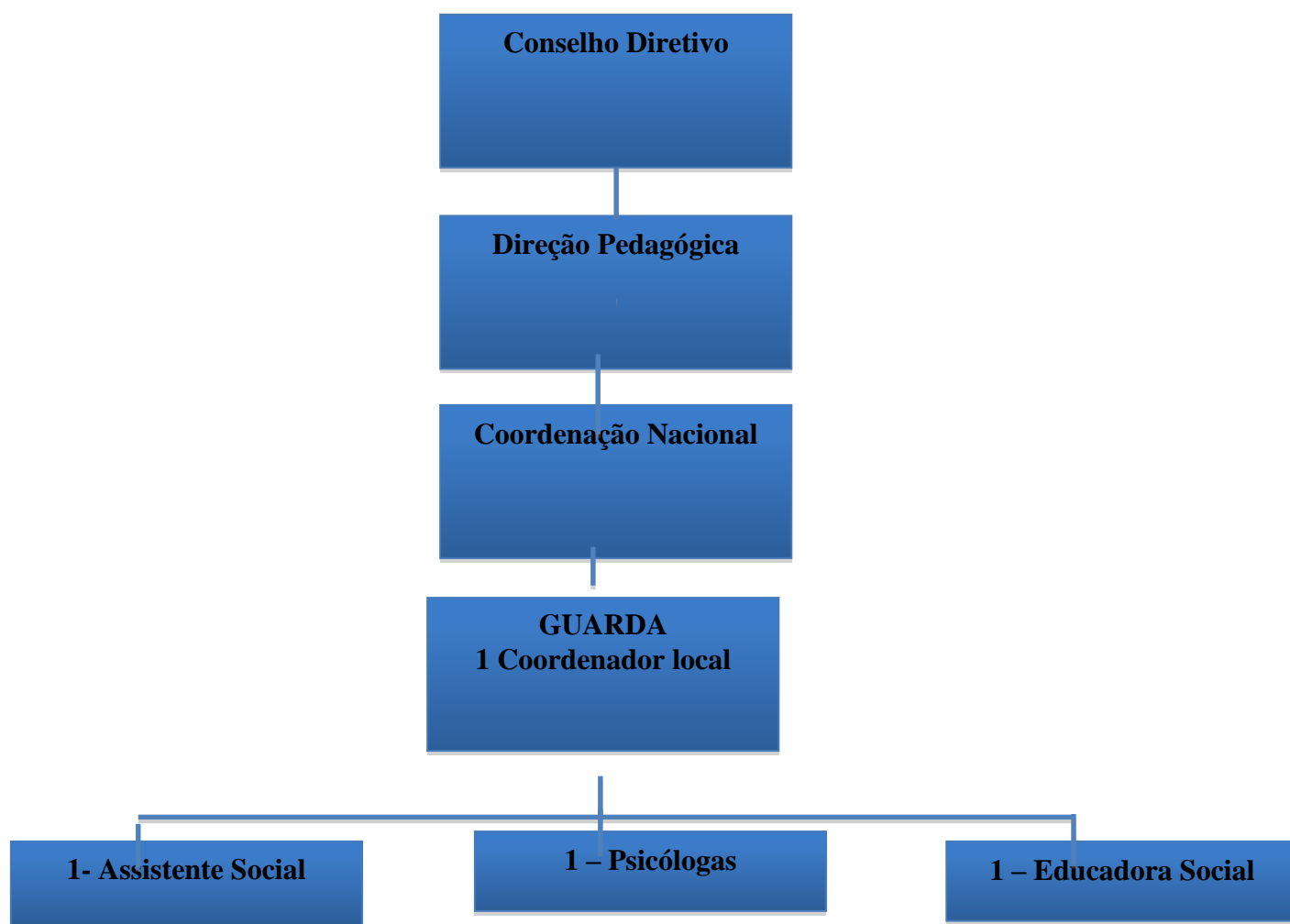


Tabela 2 - Organograma

5 - Estrutura Social

A estrutura social de uma Instituição, reflete-se na organização das partes ou unidades que a compõem, de modo a retratar as relações constantes existentes entre indivíduos ocupantes de papéis sociais diferentes, a fim de promover o bom funcionamento e conseqüente desenvolvimento da criança enquanto ser bio-psico-social.

“A forma de encarar as crianças sofreu grandes modificações ao longo do tempo, levando à inclusão da infância como uma fase importante do desenvolvimento humano “(Sarmiento, 2004).

5.1 - A visão da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

Delineando a intervenção a partir do conceito de perigo, a lei prevê através do princípio da subsidiariedade, intervenção mínima, precoce e em tempo útil, fases processuais sucessivas que vão desde a sinalização das criança e jovens em perigo, à intervenção das Entidades com Competência em Matéria de Infância e Juventude, à comunicação às CPCJ, à abertura dos Processos de Proteção e Promoção, ao diagnóstico das situações de perigo e, por fim, a escolha das Medidas a consubstancializar num Acordo de Proteção e Promoção.

Distinguindo entre Medidas em Meio Natural de Vida e Medidas de colocação, o Acolhimento em instituição assume-se como uma entre outras Medidas, e apenas poderá ser aplicada pelas CPCJ (com o consentimento expresso dos pais, representante legal e da não oposição da criança maior de 12 anos) e pelos Tribunais, no âmbito de um Processo de Proteção e Promoção.

A finalidade da aplicação das Medidas engloba, para o legislador, três grandes vertentes: afastar o perigo; proporcionar as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral e ainda garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso.

Desde a sinalização da criança em perigo até à definição da medida que irá ser aplicada e à assinatura do Acordo de Promoção e Proteção, um longo percurso se inicia. Para além da necessária avaliação do nível de desenvolvimento da criança e do

diagnóstico da situação e recursos sócio familiares, é importante integrar a noção de criança em perigo, não apenas na óptica das relações familiares, mas como um processo co-construído em que participam também o contexto institucional, jurídico, económico, político e cultural.

A elaboração de um diagnóstico da situação sócio familiar e nível de desenvolvimento da criança bem como dos recursos sócio familiares disponíveis é hoje significativamente mais consistente, fruto de um grande investimento na formação de elementos das CPCJ e das EMAT (Equipas Multidisciplinares de Assessoria aos Tribunais), bem como da elaboração de guiões de procedimentos de avaliação e diagnóstico, fluxogramas processuais, técnicas de avaliação e de intervenção familiares, entre outros.

5.2 A importância da família

A família é o primeiro espaço onde cada indivíduo se insere e o qual ajuda na promoção de o ser pessoa. É neste contexto que ele se consciencializa dos seus papéis primários e onde se inicia o processo de socialização primária, que o leva à articulação com a comunidade.

É no seio familiar que se faz a transmissão de valores, costumes e tradições entre gerações.

A educação, aqui, é processada sem existir regularmente técnicos, onde constitui maior relevância aquilo que o indivíduo é e não à aquilo que ele é capaz de fazer.

Desde sempre, a família acaba por surgir como um lugar onde se aprende a viver, ser e estar, e onde se começa o processo de consciencialização dos valores sociais inerentes à sociedade e sem os quais esta não consegue subsistir. É neste ambiente que o indivíduo aprende a respeitar os outros e a colaborar com eles.

A família surge com direitos e deveres. Estes deveres estão consagrados na Constituição da República Portuguesa e nos valores sociais e morais respectivos à sociedade. Os pais dão vida aos filhos, a partir daqui cabe-lhes dar-lhes o apoio de que necessitam, a educação e as condições necessários para o seu crescimento saudável.

A família tem um papel educativo essencial, dela vai depender a definição do quadro de referência primário para a prática educativa. No entanto, o

desenvolvimento contínuo da função parental está longe de ser linear e positiva. Existem períodos de concordância que resultam em desenvolvimento para todas, mas também surgem momentos de desacordo que põe a família frente à educação com um profundo mal-estar.

O meio familiar exerce uma das mais importantes influências no desenvolvimento das capacidades cognitivas e na estruturação das características afectivas dos filhos. No entanto, a educação familiar não deve entoar só os efeitos do desenvolvimento dos filhos. A família deve ser considerada um ecossistema da educação.

A família é a instituição mais privilegiada da educação, pois é no seu meio natural que o homem nasce e existe e onde se desperta como pessoa. Exerce enorme influência quer na integração escolar quer no desenvolvimento dos filhos.

Capítulo II

Atividades desenvolvidas durante o estágio

1. Técnica Especialista de Crianças e Jovens

O bem-estar bio-psico-social de uma criança/jovem e uma infância/adolescência em pleno são fundamentais no desenvolvimento do ser Humano; é nestas etapas que as crianças/ jovens adquirem conhecimentos e valores que definirão a sua personalidade no futuro. Quando se fala em crianças/jovens , falamos de educação, saúde e respetivos apoios, no entanto todos os profissionais são importantes e todos eles reconhecem o papel que desempenham, preocupando-se cada um deles com a adoção de comportamentos adequados na relação com os diversos intervenientes da comunidade existente e com a realização de atividades e projetos em cooperação. O técnico(a) de crianças e jovens é um desses intervenientes.

Este é um profissional especializado e direcionado para promover o bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer das crianças, é portanto um profissional qualificado, que em equipa, ou de forma autónoma, apoia, orienta e supervisiona crianças e jovens em contexto escolar, tendo por base princípios deontológicos e a valorização da formação do individuo enquanto ser humano, promovendo assim a educação pessoal e social da criança/jovem, assim como o seu desenvolvimento de competências. O técnico de Acompanhamento de crianças e jovens, tendo como conhecimento que a criança durante a sua infância desenvolve habilidades e competências determinantes para a sua vida, a nível físico, emocional e intelectual, deve atender às necessidades da crianças, preconizando a sua proteção e a sua educação, articulando as diversas linguagens da criança, quer ao nível orla, escrito, matemático, artístico, corporal, musical, temporal e até mesmo ao nível espacial.

Contudo, neste sentido, é essencial que o Técnico Especialista de Acompanhamento de Crianças e Jovens se oriente e construa o seu caminho através de oito princípios:

- Dominar saberes de natureza científica, técnica e prática facilitadores de uma ação profissional integrada e participada;
- Compreender normas de funcionamento das instituições, com vista a uma atuação pautada por princípios de rigor, de segurança e de qualidade;

- Promover e dinamizar, autónoma ou colaborativamente, projetos e atividades socioeducativos, recreativos e de lazer, devidamente integrados nas dinâmicas das instituições e dos contextos em que cada um exerce a sua atividade profissional;
- Favorecer, nas crianças e jovens, a construção de disposições para aprender e o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho, autónomo e em grupo;
- Perspetivar o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação e da sua atividade profissional;
- Promover interações e relações de respeito mútuo com todos os membros da instituição e com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projetos de vida e de formação das crianças e dos jovens;
- Manifestar a capacidade relacional, de comunicação e de equilíbrio emocional, promovendo um clima de convivência democrática;

Assumir uma dimensão cívica e formativa inerente às exigências éticas e deontológicas da sua atividade profissional.² (anexo1)

² A informação sobre o papel do Técnico de Acompanhamento de crianças e jovens foi baseado em <http://twintwo.ipg.pt/webapps/portal/frameset.jsp> , a 19 de Maio de 2014.

2. Estágio

O meu estágio foi realizado na Aldeia de Crianças SOS da Guarda, no Programa de Fortalecimento Familiar, durante o período de 19 de Maio a 7 de Agosto, perfazendo um total de 400 horas. Durante o meu estágio pude contar com a presença dos meus orientadores de estágio.

Inicialmente, com o Dr. Daniel Lucas (Assistente social da valência), foi elaborado um plano de estágio, onde foram delineadas todas as funções que desempenharia na resposta social (Programa de Fortalecimento Familiar).

No plano de estágio ficou assente que durante o tempo que estivesse na Instituição teria de cumprir as regras estabelecidas pela mesma, ser um exemplo a nível de conduta para as crianças/jovens e seus familiares e realizar todos os objetivos discutidos, analisados e fomentados pelo orientador de estágio da Instituição.

Para que tudo ficasse bem delineado, houve objetivos discutidos de forma sucinta para que tudo ficasse esclarecido face às minhas funções como estagiária, destacando-se:

- Trabalhar com as famílias e respetivos filhos, no desenvolvimento das seguintes atividades: apoio Escolar; apoio na organização das rotinas (Alimentação, Higiene, Organização da casa...); atividades lúdicas: fins de semana temáticos e atividades fora do contexto natural das famílias e implementação de um projeto a desenvolver por mim intitulado: “ Os sentimentos e as Relações” (anexo 2).

Posteriormente surgiu o momento da descrição das 5 famílias que acompanharia durante as 400 horas de estágio e as áreas adequadas de intervenção em cada uma delas.

- A Família X é uma família monoparental composta apenas por mãe e filha (7 anos), tendo como prioridade trabalhar o Apoio Escolar e Apoiar as Organização das rotinas.
- A Família Y é uma família monoparental constituída apenas por mãe e filha (7 anos), sendo prioritário trabalhar no Apoio Escolar da criança e atuar na organização das rotinas.
- A Família Z é uma família constituída por mãe, dois filhos e o companheiro. Um dos filhos está institucionalizado, tendo assim de intervir apenas nos 3 elementos familiares a Nível de apoio Escolar da criança e Ajudar nas Organizações das rotinas.
- A Família W é uma família conjugal/nuclear, pai, mãe e dois filhos (1 rapaz e uma 1 rapariga). O ponto fundamental é atuar no Fortalecimento das Relações

e na Importância de Trabalhar os Sentimentos, de modo, a melhorar o ambiente familiar.

- A Família Q é uma família conjugal/nuclear, pai, mãe e duas filhas (6,7anos). O ponto crucial a ser trabalhado e desenvolvido é na Área escolar.

Após o momento de descrição das famílias, achei fundamental fazer uma pesquisa debruçada sobre as famílias monoparentais, visto que, iria trabalhar com duas, de modo a obter mais informação e saber como lidar com as situações com que me poderia deparar.

Atualmente em Portugal, por variadas situações (divórcio, viuvez, ou opção própria) existem famílias monoparentais. Estima-se que em Portugal o número ultrapasse as 350 mil famílias. (Mónica Mexia, 2012)

Apesar de existir a crença comum do que o pai ou a mãe que fica com a criança/jovem à sua responsabilidade consegue fazer papel de pai e mãe simultaneamente, tal não é possível.

Face à vida psicoemocional da criança/jovem existe um lugar para uma figura de referência masculina e uma feminina tendo ambas papel e importância relevantes no desenvolvimento. Ocorrem muitas situações em que este papel é representado por um avô/ó ou um tio/a sendo essencial que exista, para um desenvolvimento emocional equilibrado da criança/jovem e maior partilha das responsabilidades emocionais desempenhadas por pai ou mãe que tem a criança/jovem a seu cargo. Isto facilita, embora não garanta, que a criança ou jovem consiga comunicar de forma total com as suas figuras de referência, podendo até acontecer que quando o jovem entra na adolescência crie alguma distância e reserva na partilha das questões mais pessoais.

Não é suposto os pais e mães serem os melhores amigos dos seus filhos adolescentes. O papel social de pai/mãe e de amigo são muito diferentes e por vezes incompatíveis, e por muito difícil que seja para os pais entenderem que contrariamente à fase da primeira infância onde as crianças partilham tudo do seu dia-a-dia e da sua vida emocional, na adolescência o cenário é outro e inverte-se quase totalmente. Esta tendência é ainda mais marcada nas famílias monoparentais onde muitas vezes o pai ou a mãe cai na tentação de compensar o pouco tempo que tem disponível ou o facto de não existir o outro progenitor com uma necessidade de ser “amigo” do seu filho/filha.

A distância que o adolescente cria, não acontece necessariamente porque existem problemas com o jovem, mas simplesmente porque o seu desenvolvimento psicoemocional dita que tem de haver um distanciamento emocional dos pais para que possam ser criadas estratégias de autonomia no jovem. O papel dos pais é manterem-se disponíveis sem aumentar os seus próprios níveis de ansiedade. Isto torna-se mais difícil ainda quando não há outro “pai” para partilhar a ansiedade de sentir o jovem a crescer e a ganhar o seu espaço no mundo.

Importante para o jovem é sentir que quando for necessário pode recorrer às figuras mais significativas na sua vida.

É fundamental que os pais entendam que, manter a comunicação com os seus filhos adolescentes não é apenas repreendê-los pelas suas ações ou avisá-los dos perigos ou ameaças que o mundo traz. Comunicar pressupõe uma partilha de ideias e valores, sem julgamentos ou mesmo juízos de valor. E isso terá de se aplicar às duas partes, filhos e pais. Isto é especialmente importante nas famílias monoparentais onde há uma tendência muito maior do pai ou mãe em se centrar demasiado no bem-estar do filho/a, tentando antecipar todos os problemas que poderão surgir e tentando resolvê-los pelo jovem, impedindo assim o desenvolvimento da tolerância à frustração, tão crucial no processo de autonomia dos jovens.³

³ Fonte : A informação sobre as famílias monoparentais foi adaptada de <http://www.janela-aberta-familia.org/pt/content/familias-monoparentais-os-jovens-comunicacao-e-autonomia> , consultado a 20 de Maio de 2014.

2.1 Atividades

Do dia 19 de Maio de 2014 a 30 de Maio de 2014, comecei por conhecer as famílias, os seus hábitos/rotinas e estabelecer os horários de visita a cada família.

Neste primeiro contacto com as famílias, achei relevante fazer uma pesquisa sobre as rotinas diárias, mais propriamente acerca das rotinas de higiene das famílias, visto serem pouco usuais sendo urgente trabalhá-las com as crianças/jovens inseridas nestas famílias em risco e tão frágeis nas suas estruturas e alicerces.

É durante a infância que se deve aprender a cuidar do próprio corpo. A tarefa de ensinar as crianças é dos pais, em primeiro lugar, mas a escola, formal ou informalmente, também tem um papel fundamental nesta fase tão importante do desenvolvimento das crianças.

Inicialmente, as crianças devem conhecer o próprio corpo para conseguirem entender a importância de cada hábito higiénico que vão adquirir. Os pais precisam de criar rotinas, como: antes de se sentar à mesa, devem lavar as mãos; antes de se deitar, devem escovar os dentes e usar o fio dental. Com o decorrer do tempo, as crianças vão-se acostumar a essas rotinas e mais tarde irão fazê-las de forma automática.

As crianças devem entender o motivo de fazer todas estas coisas. Os pais devem conversar com os seus filhos e esclarecer com eles as razões dessas obrigações com a limpeza corporal, de forma simples, sucinta e usando uma linguagem que eles entendam. É necessário dizer, por exemplo, que lavar e pentear os cabelos não permite que os piolhos proliferem ou ainda que as cáries danificam os dentes, devendo escová-los e usar fio dental várias vezes ao dia para assim evitar problemas de saúde.⁴ (Ludmyla Barbosa)

A privação da higiene não é apenas um problema que pode interferir com a saúde pois está paralelamente relacionada com a autoestima e o bem estar, podendo causar nas crianças e nos jovens muitas dificuldades nos relacionamentos com os seus pares.⁵ (Maria Alfaro)

⁴ Fonte : esta informação foi adaptada de http://higiene-pessoal.info/mos/view/Higiene_Pessoal_Infantil/ , consultado a 28 de Agosto de 2014.

⁵ Fonte : informação consultada de <http://www.janela-aberta-familia.org/pt/content/higiene> , consultado a 28 de Agosto de 2014.

Em relação à família Z as condições de higiene de casa eram mantidas no mínimo dos mínimos (a ligação da máquina de onde saem os resíduos, estava diretamente ligada à banheira, banheira esta com as condições impróprias de higienização pessoal; na gaveta da roupa da criança Z havia fezes e urina de rato).

As condições higiênicas eram poucas, os laços familiares eram um pouco tremidos (mãe-padrasto-filha), a filha mencionou que gostava que os berros diminuíssem e que lhe batessem menos quando fazia alguma asneira (porque não era de propósito). A criança Z de 8 anos tomava banho poucas vezes e raramente lavava os dentes. Aluna mediana (com necessidade de apoio escolar, principalmente na área da matemática), a criança Z tem muitos medos, principalmente no que diz respeito ao afastamento do irmão e à situação que originou tal afastamento. O irmão da criança Z, foi abusado sexualmente aos 11 anos, por um colega de 15 anos que andava na mesma escola que ele. Após este incidente, o menino começou por ter comportamentos “delinquentes” como roubar, danificar coisas, ser agressivo... de tal forma que a melhor solução na altura foi a ida do menino para um colégio/ instituição com visitas dos familiares. A criança Z sofre com a ausência do irmão, pois faziam tudo juntos e atualmente não consegue dormir bem, demora a adormecer e acorda no meio da noite porque se lembra do irmão ... Face ao pai biológico a criança Z sente-se um pouco “traumatizada” devido ao esquecimento dele perante ela e o irmão. Em suma a criança Z descreve-se como sendo um pouco irrequieta, gostando de ver televisão, jogar no tablete e computador. Gostava de ser cantora, de ir a Paris, de ter uma casa grande e ter filhos. Face ao sucedido, achei importante fazer uma breve pesquisa sobre o abuso sexual.

O abuso sexual define o comportamento de alguém do sexo masculino ou feminino face a um menor que englobe a prática de um ato sexual de relevo, cópula ou coito anal. Consideram-se ainda como situações de abuso as práticas de carácter exibicionista perante o outro, obscenidade escrita ou oral, obrigatoriedade de assistir a espetáculos pornográficos, o uso de objetos pornográficos, ou ainda se o menor é usado para fins fotográficos ou filmes de índole pornográfica (art. 172º e 173º, Código Penal, anexo 3).⁶

⁶ Fonte: Informação consultada em <http://www.alentejolitoral.pt/PortalRegional/Cidadao/AconselhamentoEApoio/Paginas/ViolênciaSexual.aspx> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

Relativamente à família X as condições de higiene da casa poucas vezes eram mantidas (roupa suja espalhada por a casa, louça suja de vários dias, compartimentos cheios de pó, frigorífico mal arrumado e cheio de coisas podres e com cheiro, casa de banho pouco higiénica..). Os laços familiares eram fortes, mantidos por sentimentos fortes, carinhos e afetividade entre mãe e filha. Tanto a mãe como a filha raramente tomavam banho e raramente lavavam os dentes, logo a intervenção nesta área era necessária. A menina X de 7 anos, é uma aluna média (mas com necessidade de apoio nos trabalhos de casa, principalmente na matemática e no português a nível da escrita), mas mostra “mau” comportamento na escola, com vários recados da professora na caderneta. É uma menina de sorriso fácil e de uma alegria contagiante, não sofre com a indiferença do pai, pois ela diz que se ele não quer saber dela, ela também não quer saber dele. O seu sonho é ir à Disney e gosta muito de teatro, de cinema e brincar com a melhor amiga.

No que diz respeito à família Y as condições higiénicas de casa eram superficiais, mas tentava sempre manter a casa normal (mantinha louça suja de vários dias no lava louça, roupa e calçado debaixo da cama, pó acumulado). A higiene da mãe e da filha era pouco regular, raramente tomavam banho e lavavam os dentes (a intervenção nesta área foi logo necessária). Os laços familiares eram fortes, falavam muito, passavam muito tempo juntas mas a afetividade e o carinho não estavam presentes, existindo poucos abraços, poucos beijos... A menina Y de 7 anos, aluna mediana com algumas dificuldades na escola (acompanhamento na área escolar necessário), mostrava medos (medo de dormir sozinha, de estar sozinha...). É uma menina que “está” sempre à espera de algum tipo de “mimo”, como se andasse sempre carente (falta de afeto). A criança Y “criou” na sua cabeça a morte do pai, afirmando que ele sofrera um acidente com um camião e que morrera, embora tal não tivesse acontecido, mas sente a falta de um pai (que para ela morreu mas está vivo). O pai da criança Y era o padrinho do irmão da mãe, que foi violada tendo ela nascido fruto desse ato. Diz que tem o pai do céu que está sempre a olhar por ela. A mãe teve a menina Y aos 15 anos, tendo ela neste momento 21 anos.

A mãe tem atitudes de uma adolescente e não de uma mãe, tem muitos “amigos” com quem sai, vai muitas vezes a bailes até altas horas levando a menina com ela (área que necessita de ser trabalhada). Esta criança devia estar em casa a

descansar ou a brincar, visto que, nesta idade o trabalho das crianças é estudar e brincar.

A família W é uma família muito complexa, a higiene da casa é mantida mas a higiene íntima é muito pouco usual, notando-se mesmo “o mau cheiro”. O uso de calção é muito usual entre os seus membros, as discussões estão presentes no seu dia a dia, a instabilidade está lá, sempre presente. O pai, ex alcoólico, fez dois tratamentos, mas de vez em quando tem recaídas. A mãe é depressiva, estando sob medicação, o filho W tem 17 anos, fuma, estuda, mas falta às aulas frequentemente, afirmando que passará de ano, tem um grande problema no que diz respeito à sua higiene íntima, pois poucas vezes a faz. A filha Y de 15 anos é o “problema” central desta família. Já reprovou 3 vezes no 8º ano, deixa de comer pois quer ser modelo, falta às aulas, por vezes foge de casa para ir a festas, bailes com os amigos e algumas vezes é vista a dar-se com homens casados. É uma adolescente com um “temperamento” muito difícil, sistema nervoso alterado, é muito refilona e tem tendência a levantar a voz e usar palavras impróprias e toma medicação para dormir. Frequentava o psicólogo mas deixou de ir pois passou a ser um médico e ela diz que não se sentia à vontade falar com ele. A família W não tem noção do que é o respeito, não se respeitando uns aos outros.

Por fim a família Q, era acompanhada diretamente pela assistente social. A Mãe mantinha a casa arrumada pois podia perder as 2 meninas a qualquer momento. A higiene nas meninas era pouco usual, tomavam banho uma vez por semana e raramente lavavam os dentes. As meninas, uma de 6 e outra de 5 anos sofriam as duas de enurese. A menina de 6 anos não passará para a primária devido ao seu atraso de aprendizagem, ficando mais um ano no ensino pré-escolar. A área a trabalhar com as meninas será mais a área escolar. O pai é alcoólico, pouco tempo passa em casa (só fins de semana) pois trabalha em Espanha e deixa pouco dinheiro à mulher para ela poder comprar o que necessita para se alimentar e para alimentar as meninas. Normalmente é ele que vai fazer as compras de casa. A nível de laços familiares, são bem estruturados, as crianças são muito ligadas à mãe e passam maior do seu tempo com ela. As meninas durante a semana dormem com a mãe e ao fim de semana dormem apenas as duas.

Em relação à família Q e porque as meninas sofrem de enurese, fiz uma pequena pesquisa, de modo a estar mesmo dentro da matéria e podê-la trabalhar da melhor maneira.

Define-se enurese como a eliminação involuntária de urina com características de micção normal, durante o sono, em pacientes com trato urinário normal, em idade em que o controle miccional está habitualmente presente. Considera-se que a partir de cinco anos de idade a maioria das crianças saudáveis já tem controle miccional.

Incidência: Aos cinco anos de idade, 15% das crianças fazem "xixi" na cama. A partir dessa idade, a taxa de resolução espontânea anual é de aproximadamente 15%. Aos 15 anos de idade, cerca de 1% das crianças ainda permanecem enuréticas. Os meninos são em geral mais afetados que as meninas, em uma relação de 3:2, ou seja para cada 3 meninos com este problema, existem 2 meninas.

A Enurese pode ser classificada de duas maneiras diferentes:

Primária: a criança sempre teve enurese (sempre fez "xixi" na cama).

Secundária: a criança volta a fazer "xixi" na cama, após um período de controle miccional.

Quais são as causas? A enurese é considerada basicamente um sintoma associado a vários fatores que interagem entre si, não se tendo definido qual deles é o mais importante.

1. Atraso da maturação e do desenvolvimento neurológico: É o fator mais comum, porém não universalmente aceite. Presume-se um atraso na maturação do controle urinário. Este fator explica a tendência natural de resolução com a idade.

2. Fatores psicológicos: Na enurese primária não se documenta associação com problemas psicológicos importantes. Eventos causadores de tensão psicológica (separação dos pais, nascimento de irmão, mudança de residência ou escola, hospitalização) são importantes na gênese da enurese secundária, particularmente quando ocorrem entre dois e quatro anos de idade.

3. Fatores orgânicos: É citada uma relação entre enurese e obstipação intestinal (criança ressecada). A compressão da bexiga pelo intestino repleto de fezes pode diminuir a capacidade de volume da bexiga, causando a perda de urina.

4. Fatores endócrinos: Estão relacionados com alterações na produção do hormônio antidiurético (hormônio que controla o volume urinário), com consequente

aumento do volume urinário noturno, ultrapassando a capacidade de armazenamento da bexiga.

5.Fatores genéticos: A hereditariedade está bem documentada nesta doença. Se ambos os pais tiveram enurese, a probabilidade da criança também apresentar é de 77%; se apenas um dos pais foi enurético, cai para 44%; se nenhum dos pais tem antecedentes de enurese, cai a probabilidade para 15%.⁷

Do dia 2 de Junho de 2014 ao dia 17 de Junho de 2014, comecei a trabalhar as áreas específicas de que cada família precisava e necessitava. Durante estes 15 dias fiz intervenção na área escolar, na organização das rotinas das famílias, intervimos com atividades lúdicas e ainda implementei um dia para trabalhar no meu projeto de estágio “ Os sentimentos e as relações”.

Neste período de tempo o apoio escolar foi bastante trabalhado, visto que, iriam fazer as últimas fichas de avaliação do 3º período na família Z, X E Y, a criança Z frequentava o 3º ano, a X e a Y frequentavam o 2º ano. Em relação à família Q o apoio na área escolar foi diferente visto que as crianças têm 5 e 6 anos e frequentam o ensino pré-escolar, tendo trabalhado com elas as figuras geométricas, as sequências, as letras, os números e a lateralidade, pois as crianças não tinham noção da lateralidade.

A **lateralidade** ocorre quando se verifica o domínio de um lado do corpo sobre o outro, portanto a esfera motora da parte esquerda ou da direita tem ascendência em relação à outra. Quando bebé, a criança é considerada ambidestra, ou seja, utiliza sempre as duas mãos.

É por volta dos 6 aos 8 anos de idade que a lateralidade se manifesta. Não se sabe ainda ao certo o que provoca esse fenómeno, mas alguns pesquisadores creem ser de natureza genética. Assim, estudos apontam que pais destros só terão filhos canhotos em 9,5% dos casos. Já os progenitores canhotos têm uma alta probabilidade de ter filhos canhotos – se ambos utilizarem o lado esquerdo, o filho terá 26% de possibilidade de também ter o predomínio desta parte do corpo. No início, antes da definição da lateralidade, a criança expressa a preferência por uma das

⁷ Fonte: Informação adaptada de <http://drajupediatra.blogspot.pt/2010/10/enurese-noturna.html> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

mãos nas suas atividades. Este fenômeno é dirigido pelo **cérebro**.⁸ (Ana Santana)

Face à família W, não poderia fazer uma intervenção na área escolar, visto que, a adolescente de 15 anos ia reprovar o ano e o adolescente de 17 anos já tinha realizado as últimas provas e iria passar de ano.

Em suma, nestes dias em que trabalhei a área escolar com os “meus” meninos obtive resultados positivos e interesse da parte deles. Com as meninas com quem trabalhei do ensino pré-escolar uma está mais avançada que outra, mas de uma forma geral foi uma intervenção positiva mesmo existindo alguma desconcentração.

No que diz respeito às rotinas diárias, principalmente as de higienização, estive sempre atenta e de algum modo pressionei para que fossem feitas regularmente, chegando mesmo a ser eu a dar banho às meninas. A maior parte das vezes que as meninas tomaram banho e fizeram a sua higiene foi comigo. Face às rotinas de casa tentava sempre alertar as famílias e intervir da melhor forma para que elas entendessem que tinha de ser feita para que as crianças continuassem nos seios das famílias.

Devido à carência de afetos que a maior parte destas crianças têm, tive a oportunidade de realizar um passeio e comer um gelado com duas das “minhas” meninas.



Figura 5 - As meninas no carrinho de andar

Fonte: Própria



Figura 4 - As meninas na esplanada à espera do gelado

Fonte: Própria

⁸ Fonte : Informação vista em <http://www.infoescola.com/psicologia/lateralidade/> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

Notam-se bem os sorrisos destas crianças e a sua alegria por irem passear e comer um gelado. As crianças passaram a tarde toda cheias de energia, a serenidade e a tranquilidade estiveram toda a tarde estampadas nos rostos delas. Senti-as felizes.

A felicidade é absolutamente necessária para a produção do melhor tipo de ser humano... (Bertrand Russel, 1872-1970)

Neste período de tempo com a família W fiz uma atividade que consta no meu projeto de estágio “ Os sentimentos e as relações”. A decadência de laços e vínculos era cada vez maior, daí a minha intervenção de maneira a melhorar o comportamento que cada um tinha com os restantes familiares. Achei de grande importância fazer uma breve pesquisa sobre os sentimentos e as emoções.

Não temos por que esconder nossas emoções. Elas são nossa própria vida, uma espécie de linguagem na qual expressamos percepções internas... são fortes, intensas, mas não imutáveis (Bock, 2002).

António Damásio, Português, radicado nos Estados Unidos desde a década de 70, e professor da University of Southern Califórnia, em Los Angeles, onde dirige o Instituto do Cérebro e da Criatividade é um dos maiores nomes da neurociência na atualidade. Entrevistado pela revista Veja (2013) fala sobre “Qual a diferença entre emoção e sentimento”, afirmando que a emoção é um conjunto de todas as respostas motoras que o cérebro faz aparecer no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimentos como a aceleração ou desaceleração do batimento do coração, tensão ou relaxamento dos músculos e assim por diante. Segundo este estudioso, existe um programa para o medo, um para a raiva, outro para a compaixão etc.

Damásio afirma, ainda, que o sentimento é a forma como a mente vai interpretar todo esse conjunto de movimentos. Ele é a experiência mental daquilo tudo. Alguns sentimentos não têm a ver com a emoção, mas sempre têm a ver os movimentos do corpo. Por exemplo, quando você sente fome, isso é uma interpretação da mente de que o nível de glicose no sangue está baixando e você precisa se alimentar.

A atividade realizada (apenas com 3 a Mãe e os dois adolescentes, pois o pai encontrava-se em horário de trabalho) foi “ a hora da escrita” onde escreveram o que entendiam por sentimentos, quais os sentimentos que conheciam... de forma a conseguirem libertar o que sentiam e falar de coisas/assuntos que os afetam.

A menina W escreveu: “ *sentimentos de amor, são sentimentos que acontecem quando se gosta de uma pessoa por exemplo, sentimentos infelizes por exemplo eu já tive muitos sentimentos infelizes e vou exemplificar contando uma história: Por exemplo, tipo às vezes xatiava-me com os meus pais e eu fico triste a pensar no mal que eu lhes fiz, como poderei recompençalos e eu já sofri muito quando faço alguma asneira que pode prejudicar os meus pais. E prontos è isso que eu mais sinto no dia-a-dia é o de sofrimento porque por mais que eles me tratem bem eu sofro, porque eu penso que eu lhes faço sofrer e ao saber isso eu também sofro.*”

O menino W escreveu: “ *os sentimentos são coisas que as pessoas podem sentir que são amor, ódio, dor, raiva, vingança, alegria.*”

A Mãe W escreveu: “ *O meu sentimento a relação aos filhos é para aquele que eu não tive e inssinar aquilo que é a vida...quando segam todos a casa nós vamos para a horta e eu fico contente, ver a família toda unida é o melhor orgulho que me pode dar.*”

Com esta atividade , consegui mantê-los numa mesa juntos sem discussões mantendo-se em harmonia a passarem para o papel o que sentiam. A calma pela primeira vez desde que os acompanhava estava instalada. (o resto dos registos da escrita deste dia estão no anexo 4).

Com o passar dos dias voltei de novo a fazer a minha visita à família W, mas mal cheguei apercebi-me que algo tinha corrido mal desde a minha última visita. A adolescente de 15 anos (menina) tinha feito asneira: fugiu de casa para ir a um baile com uma amiga e com dois rapazes por volta dos 24 anos, sem a Mãe e o Pai terem conhecimento. Passadas horas os pais souberam que se encontrava na Sequeira, tendo a mãe ido pedir a um vizinho já meio alcoolizado para ir buscá-la porque o pai está sem carta devido ao facto de ter sido apanhado a conduzir alcoolizado. O calão e o mau humor estavam instalados na casa, ninguém falava com a adolescente e esta escreveu-me um texto a discriminar o que tinha feito (anexo 5) . Com esta família

dominada por sentimentos negativos fui obrigada a intervir no meio de berros para se acalmarem e falarem com calma. Foi então que fizeram as pazes e a adolescente prometeu não repetir o que fez. Apesar de o ambiente ainda estar um pouco tenso, quando vim embora as coisas estavam muito mais calmas.

Já na visita à família Z, as coisas estavam calmas. Estive a apoiar a criança Z nos trabalhos da escola e posteriormente fomos dar um passeio ao parque Pólis da Guarda, para que se pudesse distrair e fugir um pouco do ambiente familiar. Este tipo de atividades é uma atividade que consta do meu projeto “Os sentimentos e Emoções” que se define como “ Eu sinto-me livre”.



Figura 6 - Ida ao Pólis com a criança Z

Fonte: Própria

Como a figura ilustra, a alegria e a felicidade estavam bem presentes. Envolvi-me no que ela queria fazer, de maneira a criarmos alguma confiança, para a criança Z pudesse desabafar e falar de qualquer coisa comigo.

Do dia 18 de Junho ao dia 30 de Junho, comecei por trabalhar as rotinas de cada família, continuei com o apoio escolar e comecei a organizar atividades “ eu sinto-me livre” para que de alguma maneira que sentissem melhor e ao mesmo tempo pudessem aproveitar as férias.

Numa das saídas, ocorreu um jantar e levei a criança X e Y a minha casa, mas antes dei-lhes banho como era habitual e depois estivemos a estudar e elaborámos fichas (anexo 6).



Figura 7 - A criança Z e Y prontas para jantar

Fonte: Própria

Era com enorme satisfação que assistia a estes sorrisos esboçados com a maior inocência que cada uma delas tem.

No espaço de tempo em que trabalhei a área escolar com os “meus meninos” senti-me gratificada pois todo o trabalho não tinha sido em vão e eles tinham sempre vontade de aprender e empenhavam-se muito para me agradar e para que as sessões acabassem com sorrisos e satisfação. O empenho é importante para uma boa aprendizagem, seja ela a curto ou longo prazo, pois com força de vontade tudo se faz, e isso não faltava aos “meus meninos” mesmo quando o que eles queriam era sair, correr, saltar ...

A capacidade de aprendizagem não se mantém estável ao longo da vida, passa por diferentes fases nas quais intervêm vários fatores alheios à pessoa. Assim, os problemas familiares ou o estado emocional favorecem ou dificultam a capacidade para aprender. (Psicologia para todos, círculo de leitores)

Atividades, “Sinto-me livre” no parque de diversão Pólis da Guarda



Figura 8 - Criança Z no parque Pólis da Guarda

Fonte: Própria



Figura 9 - Criança X no parque Pólis da Guarda

Fonte: Própria



Figura 10 - Criança X a comer um gelado no parque Pólis da Guarda

Fonte: Própria



Figura 11 - Criança X na pirâmide do parque Pólis da Guarda

Fonte: Própria



Figura 12 - Criança X a correr no parque Pólis na Guarda

Fonte: Própria



Figura 13 - Criança Z a andar de baloiço no parque Pólis da Guarda

Fonte: Própria

O brincar é algo inato que faz parte do desenvolvimento das crianças, desde o seu primeiro mês de vida. É a brincar que a aprendizagem da criança vai sendo feita, pois esta obriga a uma atenção constante, o que faz com que comece a existir um relacionamento com o que a rodeia e um conhecimento do meio que a envolve.

É nestas horas de lazer que se conseguem passar momentos únicos e ao mesmo tempo, começar a conhecer as crianças na sua plenitude, nas suas capacidades, nos seus limites, nas suas preferências e nas suas personalidades.⁹ (Margarida Santos, 2010)

Pude constatar que cada vez que levava uma criança ao parque Pólis da Guarda, era como se estivesse a conhecer uma “criança” nova, aquela que se encontra fora do seio familiar, aquela que está longe de tudo o que a perturba e que corre como se andasse atrás de algo que a motivasse, que simplesmente a fizesse sentir bem e feliz. A criança Z expressou que se sente muito bem ao ir ao parque Pólis e que gosta muito de lá ir. Expressou também que se sente feliz, contente, alegre... Constatou ainda que eu (estagiária) lhe dava miminhos e que gostava muito, afirmando que lhe dou mais carinho e atenção que a Mãe e que o Padrasto.

Sempre na corrida contra o tempo, foi a vez da visita à família W. Mais uma vez a decadência da família era mais que visível, tendo havido discussão em casa com revolta do adolescente W face à sua irmã. O adolescente W expressou o seu descontentamento pela situação que a família estava a ultrapassar e culpou a irmã do que se passava. O pai disse que já não gostava de vir para casa, afirmando que o melhor tempo que passava, era o tempo em que estava a trabalhar. O pai, ex alcoólico, neste tempo teve 2 recaídas, tendo mencionado que está farto de tudo e que se sente mal pelo que se passa em sua casa. Afirma que mesmo fazendo tudo para ser um bom pai e tentar dar uma boa educação, não tem resultados positivos e salienta o medo de “perder” a filha para uma instituição. Chegou-se à conclusão de que tudo o que se passava de mal naquela família se centrava na adolescente de 15 anos, pelo que reuni com o meu Supervisor de modo a criar alguma estratégia para que a situação melhorasse.

No que diz respeito à visita à família Q, o trabalho exercido recaiu sobre a estimulação na área escolar, tendo trabalhado a sós com cada uma das meninas. A de

⁹Fonte : Informação adaptada de <http://www.colegio-santiago.pt/index.php/edublogue/14-desenvolvimento-infantil/261-a-importancia-de-brincar> , consultado no dia 14 de Setembro de 2014

5 anos já sabe distinguir as figuras geométricas, sabe que quando quer passar na estrada tem de usar a passadeira e que só pode fazê-lo quando o sinal está verde. Em relação à letra A, já sabe como a fazer em letra Maiúscula e minúscula, só ainda não tem noção do tamanho com que faz a letra. Relativamente às contas, a criança Q de 5 anos tem noção do que é a soma, sabe contar e somar mas tem alguma dificuldade em escrever os números. Gosta de ouvir música e conhece o tambor e a flauta. Atendendo ao facto das duas meninas gostarem de música e tendo elas dificuldade em se concentrarem, decidi utilizar a música como um recurso de estimulação para trabalhar a lateralidade. O exercício definiu-se em ela se deitar no sofá de olhos fechados com a música a tocar e eu ia pedindo que levantasse a perna esquerda, o braço esquerdo... Realizei o mesmo com a criança Q de 6 anos, que já sabe distinguir as figuras geométricas e que quando quer atravessar a rua tem de usar a passadeira e só quando estiver o sinal verde. Em relação à letra A, não sabe fazer bem o A Maiúsculo fazendo melhor o minúsculo. Nas contas a criança de 6 anos tem pouca noção da soma, sabe contar bem e sabe escrever os números. Gosta de música e conhece o tambor, o violino e a flauta. Também fiz o mesmo exercício de lateralidade com música que fiz com a sua irmã de 5 anos. Este foi um dos exercícios onde tive mais feedback positivo. É grande a importância da música na aprendizagem das crianças.

A criança precisa de ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois, é pelo órgão da audição que ela possui o contato com os fenômenos sonoros e com o som. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela conseguirá descobrir as suas qualidades. Logo é muito importante exercitá-la desde muito pequena, pois esse treino irá conseguir desenvolver a sua memória e a sua atenção.

Faria (2001), afirma que a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, que muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como “a cantiga de ninar”. Face à aprendizagem, a música é muito importante, pois a criança convive com ela desde muito pequena.

A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, a criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional tanto em casa como dentro das salas de aula.

A música e a dança atuam no corpo e fazem com que desperte emoções. Neste sentido elas equilibram o metabolismo, interferem na receptividade sensorial e minimizam os efeitos de fadiga.¹⁰

No período de tempo do dia 1 de Julho a 22 de Julho de 2014, continuava a intervir e alertar a respeito das rotinas das famílias, continuando a insistir na área escolar e tendo a preocupação de inserir sempre alguma atividade no meio, visto que, os “meus meninos” ainda se encontravam de férias.

De visita à família Q, deparei-me com uma situação inesperada, notei um ambiente um pouco tenso e preocupante o que me levou a intervir junto da mãe das crianças de modo a perceber o que se passava. Não tinha dinheiro e mal tinha alimentos para ela e para as filhas. O almoço das meninas era no infantário e o jantar era o que sobrava do almoço do infantário. O pai das meninas encontrava-se em Espanha a trabalhar e a situação deixou-me inquieta, até porque uma das meninas disse-me que tinha fome. A mãe das crianças disse que a avó dela costuma ajudar na alimentação das meninas e com algum dinheiro. Nesse dia eu própria fui às compras para as meninas, comprei o essencial para elas (fizeram uma festa como se tivessem ganho um chupa-chupa) e fui levá-las à aldeia onde a avó da mãe mora. Deixei-as lá com sorrisos postos no rosto, tendo regressado mais tranquila, pois sabia que ali ficavam bem. Durante o caminho vim a refletir acerca do quanto aquela situação me tinha perturbado e falei com o supervisor de estágio de modo a conseguirmos encontrar alguma solução.

No que diz respeito à visita da família Y, comecei pelas rotinas de higiene da criança Y, seguidamente ao lanche e depois dediquei algum tempo debruçado à área escolar. Realizámos fichas de todas as áreas, Português, Matemática e Estudo do Meio. Para concluir, decidi indagar a capacidade de criação, de argumentação e o modo como a criança Y constrói uma história. Esta atividade visou que a criança Y pensasse e refletisse e depois me ditasse a história, que escrevi (anexo 7). Ao

¹⁰ Fonte: Informação consultada em <http://www.meloteca.com/musicoterapia2014/a-importancia-da-musica-na-aprendizagem.pdf>, consultado no dia 14 de Setembro de 2014

analisar a história, a fantasia e o conto de fadas do príncipe e da princesa vieram ao de cima e conseguiu de maneira positiva criar a história, com início, meio e fim.

Esta atividade deixou-me curiosa, levando-me a pesquisar mais sobre estas personagens e histórias infantis e o quanto podem influenciar uma criança.

Através das histórias fantásticas, as crianças são capazes de se identificarem com os personagens, são capazes de expressar os seus sentimentos, as suas angústias, as suas necessidades infantis e resolver conflitos psicológicos de acordo com a fase de desenvolvimento que no momento ultrapassam. Trazem à tona questões humanas que todos devem elaborar, como a separação, a morte, o desamparo... Muitos adultos acreditam que os contos de fada são prejudiciais para a criança, pois exigem explicações racionais para tudo o que elas fazem. Desta forma, impedem as crianças de lidar com os seus próprios medos e ansiedades.

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações. (Ressurreição, 2007: p.1).

As histórias e os contos são instrumentos de trabalho muito importantes que auxiliam a criança a lidar com a ansiedade que está a viver e a superar obstáculos, favorecendo assim de uma forma positiva para o seu desenvolvimento da personalidade. A criança, concentra-se mais e aprende a respeitar o outro através dos contos e das histórias infantis.

A imaginação é um ato mágico, é uma encantação determinada a fazer aparecer o objeto pensado e desejado. Imaginar é assim, reconstruir e transformar a realidade por meio dos significados dados aos acontecimentos ou repercussões interiores que eles têm em nós (seres humanos).

A criança expressa o seu mundo imaginário primeiro pelo jogo, pelo gesto e pelo corpo. Posteriormente é que ela vai utilizar o desenho, a pintura e depois a narração (histórias).

Os contos de fadas são narrativas, com ou sem a presença de fadas, que se desenvolvem dentro de uma magia feérica. O eixo central dessa narrativa refere-se a

uma problemática existencial em que o herói busca a realização que está relacionada à união homem-mulher. (Radino, 2003, p.171).

Os contos de fadas tendem muito para o lado do encantamento, para o lado do fantástico. Um mundo habitado por seres maravilhosos, onde todos convivem naturalmente. Nada é considerado estranho, pelo contrário, tudo é maravilhoso no mundo da magia, do sonho e da fantasia. Não há limitações da vida humana e os conflitos são resolvidos por meios sobrenaturais.

Todo conto se inicia em um outro tempo e em um outro lugar, e a criança sabe disso. Ao iniciar um 'era uma vez', a criança sabe que partirá em uma viagem fantástica e que dela retornará com um 'e viveram felizes para sempre' (...). Esses rituais mostram que vamos tratar de fantasia, de uma Terra do Nunca. Quando nós, adultos, entramos em um cinema, ao se apagarem as luzes, não questionamos se o filme é real ou não. Embarcamos nessa viagem e identificamo-nos com os personagens, chorando e dando risadas. Quando as luzes se acendem, às vezes saímos um pouco tontos da sala de projeção, mas retornamos ao nosso mundo real... (Radino, 2003,p.135).

Segundo Freud, as crianças identificam-se com os contos de fadas, pois estes desencadeiam temas universais dos seres humanos. Eles transmitem a garantia do sucesso na resolução dos problemas das crianças. De acordo com Radino (2003), os contos de fadas são apresentados de forma simbólica, dando base para a assimilação de conflitos internos de acordo com o estágio de desenvolvimento (tanto psicológico, como intelectual) que a criança está passando.

A mãe má, personificada na figura da bruxa, ajuda a preservar a mãe boa dos ataques sádicos da criança. Quanto mais intensa a fantasia sádica dirigida aos pais, maior a necessidade de a criança manter as figuras dos pais bons, protegidas e separadas. Ao internalizar essas figuras más, a criança intensifica seu contato libidinal com seus objetos externos. Procura segurança na pessoa real da mãe, distanciando-a de sua figura interna, terrorífica (...). É mais fácil e menos angustiante para uma criança temer uma bruxa do que sua própria mãe, que também é objeto de amor. A figura da bruxa, ou da madrasta má, simboliza justamente as dificuldades entre mãe e filho, no processo pré-edípico. A figura da mãe, projetada

na madrasta ou bruxa, alivia o ódio entre mãe e filho”... (Radino, 2003 p.141).

Então não devemos esquecer-nos da importância da criança se projetar na história e na personagem, de imaginar as personagens, a paisagem. “*Quanto mais elementos realísticos a história tiver, menos a possibilidade da criança se projetar nela*” (Bettelheim, 1980; Alves Costa, 1991; apud; Radino, 2003, p.182).¹¹

Face à visita da família W, as coisas não podiam estar piores do que se encontravam: ninguém se falava e quando alguém falava, a voz era levantada e o calão era presente. Tive de intervir, pois não podia admitir que mãe-filha e pai-filha se tratassem assim. Sentei-me e esperei que algum deles me explicasse o que tinha acontecido para haver aquela instabilidade toda em casa. Mais uma vez o problema centrava-se na adolescente W, que decidiu furar o lábio sem autorização e pior que isso furou com uma agulha a ela própria em casa de uma amiga cigana. Como se isso não bastasse, a adolescente fica toda a manhã na cama e salta o pequeno almoço, refeição importante no dia-a-dia do ser humano. Já o irmão mal passa tempo em casa e quando pode vai trabalhar. O pai quer passar o menos tempo possível em casa, pois é só problemas e ele não se sente bem em casa, ouve falarem mal da filha na rua e chega mesmo a dizer que se a filha não arrancasse aquilo do lábio ele próprio o fazia com o alicate e logo a seguir a adolescente diz que sai de casa.

A discussão ficou complicada, gritos para um lado, berros para o outro e a adolescente chega mesmo a dizer que mata o pai e eu fui obrigada a interferir de maneira que ela se acalmasse mas esta não aceitou, faltou-me ao respeito e abandonou a terapia.

¹¹ Toda a informação sobre os contos e as histórias infantis foi adaptada de <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/contos-de-fada-e-o-desenvolvimento-infantil> , a 19 de Setembro de 2014

A mãe começa a chorar desalmadamente e culpa o marido por tudo afirmando que mais tarde ou mais cedo sai de casa. A mãe da adolescente fica inconsolável e eu trago-a para a rua para apanhar ar quando avisto a adolescente. Fui logo ver se estava bem e ela mal respirava, o seu sistema nervoso estava alterado e só dizia que estava farta de tudo e que se ia matar. Em relação ao pai mencionou que a partir daquele momento ele já não era pai dela e que não ia voltar para casa. Bem... pela primeira vez em tantas horas de estágio, não sabia para onde me virar, até que me virei para a adolescente e lhe disse para ir a casa fazer um saco e que vinha comigo para a casa onde estava na Guarda. Enquanto ela foi fazer o saco fui a correr para os braços da mãe com as lágrimas a cobrir-lhe o rosto, abracei-a e ela só dizia que não queria ficar sem a filha e que preferia morrer. A verdade é que ela chorou, descarregou tanto que a minha camisola veio marcada com aquelas lágrimas tão sentidas, com aquelas lágrimas de mãe. A adolescente despediu-se da mãe e disse que estava sempre ali para ela e que se o pai lhe falasse mal para lhe dizer que vinha a casa matá-lo. Mal saí da casa da adolescente liguei ao supervisor a contar o sucedido e deu autorização da adolescente ficar comigo. Afirmou ainda que mal pudesse ia passar em casa da família para ver como é que as coisas estavam. Posteriormente o supervisor ligou-me e falou comigo e com a adolescente, tendo-lhe dito que tinha de falar com a CPCJ, mas que o mais provável era ela ser retirada aos pais, visto que já tinha sido avisada e que se acontecesse mais alguma situação fora do normal era tirada do seu seio familiar. O supervisor explicou à adolescente que podia aceitar sair e que ia para um colégio “aberto” com idas a casa e se não aceitasse era retirada e iria para uma instituição com visitas muito restritas. Coube-me a mim então sentar-me com a adolescente e fazer-lhe ver os pontos positivos que tinha em aceitar ir de livre vontade. A adolescente começou por entender que a ida de livre vontade era o melhor que tinha a fazer mas não estava preparada ainda para voltar para casa. Liguei ao supervisor e falei na hipótese da adolescente ir comigo de fim-de-semana para Viseu, que ele aceitou. Faltava só escrever uma autorização para os pais dela assinarem.

Já em Viseu, a adolescente nem parecia a mesma que eu tinha conhecido há uns meses atrás, era uma adolescente a dormir bem, a acordar para tomar o pequeno almoço, a fazer a sua higiene e a comportar-se dignamente bem. Para a poder distrair daquele pesadelo em que estava inserida, decidi fazer alguma coisa com ela dentro da atividade “sinto-me livre”, tendo-a levado à piscina.



Figura 14 - Adolescente W na piscina

Fonte: Própria

O sorriso e a calma dela ao fim do dia valeram ouro para mim, que por dias consegui ver uma adolescente nova o que me deixou bastante orgulhosa dela e de mim própria, pois fazer o bem para os outros é fazer o bem para nós próprios, pois aconchega-nos a alma. Chegou o dia do regresso a casa, pós dias comigo. Chegámos e o entusiasmo por receber a adolescente era mais que obvio, estava estampado nos rostos deles, os olhos brilhavam como se estivessem a ver uma estrela. Aquele momento encheu-me o coração e depois sim, já podia ir, a adolescente estava em casa, estava onde ela pertencia, estava no meio dos seus.

Era a vez da visita à família X, onde decidi “raptar a minha menina” a tarde inteira dentro do âmbito da atividade “sinto-me livre” e levá-la à piscina do hotel Lusitânia na Guarda, pois havia uma campanha. Esta englobava a entrada da 2 pessoas ser grátis e nós lidávamos com famílias carenciadas, daí a minha ideia de irmos ao hotel e aproveitarmos a campanha.

Chegámos e a alegria era enorme, a vontade de ir para a água ainda maior, ela estava ali ao meu lado, mas ao mesmo tempo parecia que estava num mundo à parte do meu.



Figura 15 - A criança X na piscina a falar comigo

Fonte: Própria

O ambiente era calmo, sereno e ela saltava e saltava de alegria, mal saía da água vinha à minha beira, dizia que gostava muito de mim, abraçava-me, dava-me beijinhos e fazíamos narizinho. Mais que estagiária, sou um ser humano e no que dizia respeito a carinhos e ternura, eu estava lá, era incrível conseguir ver os olhos a sorrir, coisa que pouco acontece. Aprendia ela comigo e eu com ela. Estas “miniaturas” são tão inteligentes, veem as coisas de maneira diferente ... passando-nos sempre uma lição de vida.

De visita à família Y organizei a mesma saída de modo a aproveitar a campanha que o Hotel Lusitânia da Guarda estava a oferecer, mas sempre com autorização do responsável (exemplo anexo 8).

A “minha” menina tinha chegado à piscina e já estava entusiasmada para ir para a água. Vesti-lhe o fato de banho e correu logo para dentro de água, chapinhando por todos os lados, saltando e dizendo que o fazia melhor que eu. A troca de afetos também foi vivenciada.

Em todas as sessões ela sempre procurou estar o mais junta de mim possível, havendo até uma vez em que ela fugiu de casa atrás de mim. É fantástico saber que quando trabalhamos para o bem, o bem corre atrás de nós e somos recompensados por estes pequenos gestos de pessoas TÃO grandes como esta criança.



Figura 16 - Criança Y na piscina comigo

Fonte: Própria

Eram horas de sair da piscina e ir levar a “minha” menina a casa para junto da mãe, pois tinha recebido uma chamada de outra família e ainda teria de passar lá.

Após ter deixado a criança Y em casa com mãe, dirigi-me a casa da família Q, sentei-me e ouvi o que a mãe das meninas tinha de importante para falar comigo. De cabeça para baixo disse-me que precisava que lhe arranjasse pão para dar às meninas. No momento não queria acreditar que estava naquela situação de novo, revoltei-me e perguntei porque o seu marido partiu para Espanha no fim-de-semana e não deixara dinheiro para a semana para ela e para as meninas. A mãe das meninas virou-se e disse que sim que tinha deixado 0,40 cêntimos para ela ir ao LIDL comprar aqueles pãezinhos de 0,06 cêntimos. Fiquei incrédula como é que um pai pode deixar 0,40 cêntimos à sua mulher para alimentar as meninas. Virei-me e disse que iria resolver o problema e saí. Liguei ao Supervisor a reportar a situação e não havia margens para dúvidas de que esta família precisava de mais algum tipo de apoio. Dirigi-me ao apartamento onde estava instalada, eu e as minhas colegas de casa e recolhemos tudo o que pudemos dos armários que fui logo levar à família Q. As meninas ficaram tão contentes que fiquei ali um bom bocado a observá-las. Senti que já tinham o que precisavam e que estava na hora de me retirar.

Este acontecimento deixou-me a refletir, o que me levou a pesquisar mais sobre a negligência, pois é negligente um pai ter dinheiro e gastá-lo e não dar dinheiro para as meninas comerem.

A negligência é uma forma de maus tratos em que o prestador de cuidados à criança se mostra continuamente incapaz de prestar os cuidados e a proteção necessários ao seu normal desenvolvimento. A negligência inclui a falta de todo o tipo de cuidados necessários ao bem-estar da criança, tais como alimentação adequada, higiene, vestuário, cuidados médicos, afeto, atenção, vigilância e educação.¹²

De tal modo que é bem claro, a existência de negligência por parte do pai destas crianças, pois estas crianças não estão a ter uma alimentação adequada o que pode interferir no seu desenvolvimento físico e cognitivo, pois tanto como o corpo, a mente também precisa de células que se alimentam.

Após o último acontecimento nesta família acerca deste assunto, o supervisor e diretor do Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda encarregou-se do caso.

¹² A informação sobre a negligência foi adaptada de <http://www.usfmarginal.com/?p=121> a 20 de Setembro de 2014

Na ida a casa da família Z, decidi fazer a mesma atividade, levando a criança Z à piscina, que entusiasmada não pensou duas vezes e foi logo correr vestir o fato de banho.

Chegámos, aconchegamo-nos nas espreguiçadeiras e dialogámos um pouco acerca do que se passara desde a última sessão, tendo a criança Z mencionado muitas vezes o irmão que está numa instituição e dizendo que muitas vezes ficava triste porque tinha saudades dele. Naquele momento virei-me para ela e disse que aquela tarde era para nos divertirmos, eu e ela.



Figura 17 - A criança Z comigo na piscina

Fonte: Própria

Mais uma ida à piscina, mais uma atividade concretizada e mais um sorriso para um bolso cheio deles.

No período de 23 de Julho a 7 de Agosto, as rotinas mativeram-se, o apoio escolar também e as atividades também iriam permanecer, pois de alguma maneira os “meus” meninos tinham que aproveitar as férias grandes de Verão.

Comecei por visitar a família W e analisar se os dias que a adolescente tinha passado comigo, tinham dado frutos. Em casa já tinham dialogado acerca da hipótese da adolescente ir para o colégio e chegaram ao bom senso tendo concluído que era o melhor para ela e para eles enquanto família. O ambiente estava calmo, as relações normalizadas sem muitos atritos. Tirando só um pequeno incidente, o pai da adolescente tinha voltado a beber, chegando mesmo a vomitar. Mas afirmou que voltará ao tratamento.

Na visita à família Q, a criança de 6 anos estava doente. Tinha-lhe começado a doer a barriga, já não comia praticamente nada há 5 dias, quando decidiram levá-la às

urgências, a menina estava com obstipação. Falei com o supervisor e chegámos a acordo quanto a levar a família Q à piscina, ida financiada pelo Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda. Fui às compras para o piquenique do dia nas piscinas municipais da Guarda. Tratei de tudo e lá fomos nós, de mochilas postas, de toalhas na mão. As meninas ficaram incrédulas, pois nunca tinham estado perto das piscinas muito menos dentro delas. Os sacos de comida estavam sempre rodeados por as “minhas” meninas, que naquele dia tinham tudo o que mereciam. A alegria era contagiante que cheguei mesmo a pensar que em vez de ter duas crianças, tinha 3 crianças, pois a mãe das meninas também já não ia às piscinas à imenso tempo.



Figura 18 - As crianças Q na piscina

Fonte: Própria

O dia foi rico, rico em sorrisos, rico em aprendizagens, rico em vivências para os dois lados, para a família e para mim, como estagiária.

Estava a aproximar-se o dia dos avós, e como iria haver uma comemoração no parque Pólis da Guarda, o supervisor lançou-me o desafio de tentar levar “os meus meninos”.

Reunimo-nos perto do parque e fomos todos juntos para a comemoração do dia dos avós. Não conseguindo levar todos os meninos, levei os que puderam ir.



Figura 19 - V encontro entre Avós e Netos

Fonte: Própria



Figura 20 - Neta e Bisneta com a Avó, família Q

Fonte: Própria



Figura 21 - A criança Z a sentir saudades do irmão

Fonte: Própria



Figura 22 - Supervisor connosco no encontro Avós e Netos da Guarda

Fonte: Própria

Dando continuidade às atividades no âmbito da atividade “sinto-me livre” propus uma ida à barragem com piquenique à família W. A barragem situa-se em Bouça Cova. A família aceitou de bom agrado, levando mais familiares com eles. Queria de algum modo que passassem tempo juntos, a divertirem-se e sem pressões da “vida real” a incomodá-los.



Figura 23 - A mãe W com a cunhada na barragem da Bouça da Cova

Fonte: Própria



Figura 24 - Adolescente W com o tio na barragem da Bouça da Cova

Fonte: Própria

Figura 25 - Adolescente W com os seus pais na barragem Bouça da Cova

Fonte: Própria



Figura 26 - Adolescente W com o seu pai na barragem Bouça da Cova

Fonte: Própria

Depois de sessões de desacatos no meio desta família, vi uma família completamente diferente na atividade, eram carinhosos uns para os outros e a alegria transbordava nos seus rostos, principalmente no dos adolescentes que tanto têm sofrido com o que tem acontecido.

Posteriormente o meu supervisor de estágio propôs-me levar o máximo de famílias e os seus meninos à comemoração dos 50 anos de existência das Aldeias SOS.



Figura 27 - Flyer da comemoração do 50º aniversário das Aldeias SOS

Fonte: Supervisor

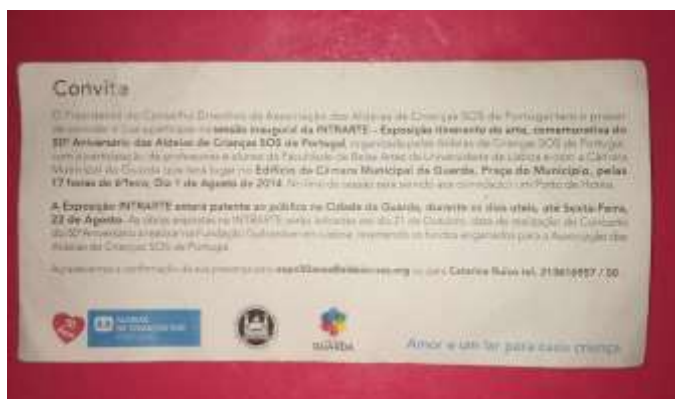


Figura 28 - Flyer/convite do 50º aniversário das Aldeias SOS parte de trás

Fonte: Supervisor

Uma atividade não mais importante que as outras, mas que de alguma maneira conseguiu reunir pessoas que fizeram crescer a Aldeia SOS da Guarda, e elas sim estão de Parabéns e claro os “nossos” meninos que tão bem representaram esta comemoração, os “nossos” pequenos seres que serão GRANDES homens e mulheres do amanhã, Parabéns a eles por tudo o que passaram, o que têm de passar e mesmo assim por encararem a vida como uma segunda oportunidade e não desistirem.

Em conclusão, nos meus últimos dias de visitas às “minhas” famílias, as sessões foram um pouco complicadas, visto que as crianças não reagiram da melhor maneira ao saberem da minha partida, mas eu disse que ficava um pouco de mim com cada uma delas e eu levava um pouco delas comigo.

Conclusão

Um relatório de estágio salienta todas as aprendizagens realizadas, as aprendizagens teóricas, associadas às aprendizagens práticas, proporcionadas no decorrer do estágio.

Esta experiência de estágio foi sem dúvida essencial para a minha formação, tanto a nível profissional como a nível pessoal. Se de início a escolha efetuada não foi acertada (Uma Instituição com Crianças Autistas), sem dúvida que a segunda opção foi bem mais acertada e revelou ser bem mais vantajosa.

A elaboração do relatório no âmbito de Crianças e Jovens em Risco e no âmbito de Sociologia das Organizações permitiu-me compreender melhor a dinâmica da Aldeia de Crianças SOS da Guarda e o Programa de Fortalecimento Familiar da Guarda, o que me facilitou a integração quando comecei o estágio. Permitiu-me também, refletir acerca do papel que iria ocupar como estagiária Técnica Especialista de Crianças e Jovens, de forma a consciencializar-me da necessidade de adaptar uma pedagogia organizada e estruturada, criando assim condições necessárias para o desenvolvimento das crianças, onde houvesse a promoção da sua autoestima, autoconfiança e o desenvolvimento das suas capacidades, para que cada criança pudesse reconhecer as suas capacidades e os seus progressos. Refiro também a importância que tive na oportunidade de ter visitado a instituição em causa em tempo de aulas no âmbito da cadeira Dinâmica de Grupos, pois conheci alguns membros da equipa pedagógica e de ter complementado o meu conhecimento face à Instituição.

A experiência de me integrar numa equipa pedagógica destas e num desafio como este foi deveras entusiasmante e desafiador. Estagiar com diferentes públicos-alvos foi muito gratificante, tive a possibilidade de contactar com crianças, jovens e adultos e isso ajudou-me a ganhar experiência de forma a saber como falar e me comportar perante cada indivíduo e perante cada família.

Durante o estágio, apesar do meu foco terem sido as crianças/jovens, não deixei de parte as famílias onde eles se inseriam, nem deixei de lado nenhum problema, nenhuma angústia e nem mesmo os sorrisos que contemplavam as minhas sessões e que fizeram sempre diferença no dia seguinte quando saía para mais um dia de trabalho.

Face aos objetivos que o Programa rege, fiz com que prevenisse situações de risco e de perigo através da promoção do exercício de uma parentalidade positiva onde escolhi o diálogo. Avaliei através da observação as dinâmicas de risco e proteção das famílias e alertei para as possibilidades de mudança. Desenvolvi novas competências parentais, pessoais e sociais através de atividades de modo a melhorar o desempenho da função parental. Tentei sempre fazer com que as situações de separação das crianças e jovens do seu meio natural de vida não acontecesse. Através do diálogo ajudei na melhoria da capacidade de resiliência familiar e individual; a reintegração não foi nada difícil, pois as famílias estavam bem integradas e em relação à qualidade das relações da família com a comunidade, atuei mas não da maneira que gostaria, mas deixei o meu sinal.

Em suma saliento a importância destas oportunidades, destes estágios que contribuem positivamente para o nosso desenvolvimento pessoal e social e para a construção dos nossos valores enquanto seres humanos.

Bibliografia

Bock, Ana Mercês Bahia (2002). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13. Ed. São Paulo: Saraiva.

Círculo de Leitores. (2008) *Psicologia para todos: Guia completo para o crescimento pessoal*. Lisboa : Círculo de Leitores

Faria, Márcia Nunes.(2001). *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis chateaubriand – Pr, 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) –Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

Papalia, D ; Olds, S ; Feldman, R . (2006) *Desenvolvimento Humano : 8ª edição* . Porto Alegre : Artmed .

Papalia, D ; Olds, S ; Feldman, R . (2001) *O mundo da criança*. Lisboa : Editora Mcgraw .

Pinto, M. & Sarmiento, M. J. (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: CESC, UM.

Webgrafia

Damáσιο, António. Sentimentos e emoções. Revista Veja, 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/os-sentimentos-sao-fundamentais-para-a-sociedade-diz-antonio-damasio> consultado no dia 9 de Setembro de 2014.

Informação relativa à Instituição;

<http://www.aldeias-sos.org>, consultado no dia 6 de Maio de 2014

Informação utilizada face ao papel do Técnico Especialista em Acompanhamento de Crianças

<http://twintwo.ipg.pt/webapps/portal/frameset.jsp>

Informação sobre as famílias monoparentais;

<http://www.janela-aberta-familia.org/pt/content/familias-monoparentais-os-jovens-comunicacao-e-autonomia> , consultado no dia 20 de Maio de 2014.

Informação acerca das rotinas/ higiene;

http://higiene-pessoal.info/mos/view/Higiene_Pessoal_Infantil/ , consultado no dia 28 de Agosto de 2014.

<http://www.janela-aberta-familia.org/pt/content/higiene> , consultado no dia 28 de Agosto de 2014.

Informação sobre o abuso sexual;

<http://www.alentejolitoral.pt/PortalRegional/Cidadao/AconselhamentoEApoio/Paginas/ViolênciaSexual.aspx> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

Enurese;

<http://drajupediatra.blogspot.pt/2010/10/enurese-noturna.html> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

Lateralidade;

<http://www.infoescola.com/psicologia/lateralidade/> , consultado no dia 9 de Setembro de 2014

A importância do brincar;

<http://www.colegio-santiago.pt/index.php/edublogue/14-desenvolvimento-infantil/261-a-importancia-de-brincar> , consultado no dia 14 de Setembro de 2014

A importância da música na aprendizagem;

<http://www.meloteca.com/musicoterapia2014/a-importancia-da-musica-na-aprendizagem.pdf> , consultado no dia 14 de Setembro de 2014

A influência dos contos e das histórias encantadas;

<https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/contos-de-fada-e-o-desenvolvimento-infantil> , consultado a 19 de Setembro de 2014

A negligência;

<http://www.usfmarginal.com/?p=121>, consultado a 20 de Setembro de 2014

ANEXOS

ANEXO 1

*Diário da Republica, 2ª série _ n°176_11
de Setembro de 2012
Despacho n°12019/2012*

ANEXO 2

Projeto de Estágio “ Os Sentimentos e as
Relações”

ANEXO 3

Código Penal Português, Secção II, crimes
contra a autodeterminação sexual

ANEXO 4

Textos escritos sobre os sentimentos (família W)

ANEXO 5
Texto da adolescente W

ANEXO 6

Exemplos de fichas elaboradas pelas as crianças

ANEXO 7
História criada por a criança
Y

Anexo 8

Exemplos de autorizações